



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Bruna Cunha

**Humor negro em Portugal: liberdade
de expressão e limitações
socioculturais**

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rita Ribeiro

outubro de 2017

DECLARAÇÃO

Nome: Bruna Alexandra Pinho da Cunha

Endereço Eletrónico: b.cunha@outlook.com

Título da Dissertação:

Humor negro em Portugal: liberdade de expressão e limitações socioculturais

Orientadora: Professora Doutora Rita Ribeiro

Ano de Conclusão: 2017

Designação do Mestrado: Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Rita Ribeiro, por toda a ajuda ao transformar incertezas em diretrizes e pelo incentivo para trabalhar numa temática que me desperte interesse. O seu apoio e sinceridade foram indispensáveis para a construção deste trabalho.

Ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, por me ter acolhido da melhor forma possível, tornando este mestrado na melhor escolha que poderia ter feito para terminar o meu percurso académico.

Aos meus pais por me darem a possibilidade de seguir os meus sonhos, da melhor forma que me ensinaram: com liberdade, humor e foco.

À Ana por caminhar comigo, pela genuína preocupação e interesse no meu crescimento.

À Andreia e à Raquel, pela ajuda quando faltam os vocábulos, forças ou vontade pois souberem sempre mostrar-me o caminho.

Aos que viram num conceito abstrato uma possível história, provando que tudo é possível através de uma ideia.

Aos que partilham do mesmo sentido de humor, evidenciando que uma premissa baseada no riso é suficiente para justificar a construção de uma narrativa.

RESUMO

Este trabalho visa compreender o estado atual do humor em Portugal e, mais especificadamente, do humor negro, dada a conjuntura sociocultural que tem levado à discussão dos seus limites.

A par disso, esta investigação propõe-se a explicar as motivações que levam os comediantes a defender a total liberdade de expressão no seu trabalho, para além de expor as suas opiniões em diversas temáticas ligadas ao livre-arbítrio e à sua relação com o meio humorístico. Simultaneamente, o valor das palavras no discurso humorístico entra em discussão, assim como as possíveis barreiras jurídicas à liberdade de expressão e ao humor.

Para esta dissertação, optei por, através de uma análise qualitativa, identificar os principais agentes da esfera humorística nacional e agrupar as demais opiniões que permitam aferir conclusões para posterior reflexão sobre a condição atual da comédia nacional.

Como objetivos mais concretos, surge a necessidade de entender o valor e possíveis consequências da transgressão no humor; perceber que assuntos têm mais probabilidade de serem vistos como ofensivos e que papel tem esse sentimento perto do público e dos humoristas; compreender se há a possibilidade da existência liberta do humor tendo em conta as particularidades que o definem; entender se o humor pode conviver no regime do politicamente correto; avaliar de que forma é que os agentes do universo humorístico lidam com os constrangimentos à liberdade de expressão que se verificam no campo do humor e aferir se o atentado em *Charlie Hebdo* produziu efeitos junto dos humoristas e da sua atividade.

Foi possível concluir que o humor subsistirá, independentemente do meio, e que se alimenta da própria imposição de barreiras, sendo que o objetivo que rege a atividade humorista é a provocação do riso na audiência.

Palavras-chave: Humor; Humor em Portugal; Humor negro; Comédia; Liberdade de expressão.

ABSTRACT

This essay is called “Dark humour in Portugal: freedom of speech and sociocultural boundaries” and it aims to comprehend the current state of humour in Portugal and, more specifically, dark humour, due to the sociocultural context that has led to the discussion of its boundaries.

Furthermore, this investigation intends to explain the motivations that encourage comedians to defend total freedom of speech in their work, besides exposing their opinions on various issues connected to freedom and its existence in the humoristic atmosphere. Simultaneously, the worth of words in their discourse comes into discussion, as well as possible juridical boundaries that may exist when freedom of speech and humor act as a whole.

For this dissertation, I have opted, through a qualitative analysis, to identify the main agents of the national humoristic scene and to collect opinions that allow me to assess conclusions for a further reflection on the current national comedy scene.

As more specific goals, I felt the urge to understand the value and possible consequences of humoristic transgressions; to comprehend which topics may be more likely to be stated as offensive and which role does that feeling represent to the audience and comedians; realize if there is a possibility for humour to exist freely taking into account the particularities that define it; to know if humour can coexist in the politically correct environment; to evaluate in which way do people connected to humour deal with the constraints on freedom of speech that occur in the humoristic field and to grasp if the Charlie Hebdo attack has influenced humorists and their activity.

It was possible to conclude that humour sustains itself, independently of the environment in which it is being produced, and that it feeds itself from the very existence of boundaries, being the main purpose of comedians to generate the audience’s laughter.

Key-words: Humour; Humour in Portugal; Dark humour; Comedy; Freedom of speech.

*Discordo do que dizes, mas defenderei até à
morte o direito de o dizeres.*

Voltaire (1694-1778)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1. Humor como forma de comunicação	10
1.2. Teorias do humor.....	12
1.3. Funções do humor.....	13
1.4. Os limites e transgressões do humor	14
1.5. Humor negro	16
1.5.1.O papel da intenção e da ofensa no humor negro	18
1.5.2.Os fatores distância e tempo no humor negro.....	20
1.6. Liberdade de expressão.....	21
1.6.1.Liberdade de expressão no humor	22
1.6.2.O politicamente correto e a liberdade humorística.....	24
1.6.3.Liberdade de expressão humorística nas redes sociais.....	25
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	28
2.1. Fundamentação Metodológica.....	28
2.2. Metodologia Qualitativa.....	28
2.3. Amostra	29
2.4. Instrumentos de observação	30
2.5. Entrevistas	32
2.6. Perfil dos entrevistados	33
2.7. Recolha de Informação.....	35
2.8. Tabelas de categorização.....	36
2.9. Análise de dados.....	36
3. DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	38
3.1. Transgressões no humor em Portugal	39
3.1.1.Exemplos e consequências de falta de liberdade no humor	39
3.1.2.Liberdade de expressão nas redes sociais	41
3.1.3.Assuntos que causem intolerância	43
3.2. Humor negro	44

3.3. Especificidades do humor	47
3.3.1. Liberdade artística.....	48
3.3.2. Os fatores distância e tempo	51
3.3.3. O papel da ofensa no humor	55
3.4. O poder do humor	58
3.5. O significado atual da liberdade de expressão	60
3.5.1. Autocensura.....	63
3.5.2. O papel do politicamente correto	64
3.5.3. Sobre o discurso de limites	66
3.6. Regulação do humor.....	68
3.6.1. Ação dos tribunais em relação à liberdade de expressão no humor	69
3.7. Charlie Hebdo – opinião e consequências	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
WEBGRAFIA GERAL	80
WEBGRAFIA DE MATERIAL EMPIRICO	82
ANEXOS.....	84
I. Categorização da informação em tabelas	84
Liberdade de expressão	84
Humor	91
Humor nacional.....	98
Especificidades do humor.....	100
Atentado Charlie Hebdo.....	103
Estatuto do humor.....	107
Humor em termos legais.....	111
II. Recolha de material empírico online.....	112
III. Guião de entrevista realizada a comediantes.....	118
IV. Guião de entrevista realizada ao advogado Francisco Teixeira da Mota ..	119

INTRODUÇÃO

A presente dissertação foi realizada para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação, Arte e Cultura pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Foram vários os motivos que determinaram a escolha do objeto de estudo, sendo que o sincero interesse pelo tema e pelas dinâmicas que o rodeiam surgiu como primeira motivação para um consequente estudo mais alargado.

Para além disso, senti uma imensa lacuna de trabalhos de investigação deste género a nível nacional pelo que uma análise mais intensiva sobre o mesmo poderá despoletar mais interesse pela área.

Da mesma forma, acredito que cubro uma diversidade de temas que merecem uma exaustiva discussão atualmente, pelo que espero que possa servir de ponto de partida ou de ajuda para mais reflexões.

Por último, espero que a nível académico esta dissertação possa perspetivar intervenções futuras, seja de formas de pensar ou de ações mais concretas.

Assim, no Capítulo I – Fundamentação Teórica -, analiso literatura que ajudou a clarear conceitos, muitas das vezes, vistos como indefiníveis, como o humor e teorias sobre o mesmo. Por outro lado, forneço material bibliográfico que ajuda na contextualização do objeto de estudo, assim como uma revisão estruturada de conceitos como a liberdade de expressão e o seu papel nas redes sociais.

Seguidamente, o Capítulo II – Metodologia de Investigação – reflete, de uma forma genérica, as escolhas de investigação tomadas para a recolha e posterior tratamento de todos os dados.

Já no Capítulo III – Discussão de Resultados – evidenciam-se e discutem-se os dados empíricos resultantes da pesquisa em diálogo com as perspetivas teóricas desenvolvidas anteriormente.

Por fim, transmito as fundamentais conclusões da análise, a par das suas limitações, e concebo linhas orientadoras para próximas investigações.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Humor como forma de comunicação

O humor e o riso estão presentes na maioria das culturas e acompanham as mudanças sociais e culturais de uma sociedade: “To understand laughter, we must put it back into its natural environment, which is society...” (Bergson, 1914:7).

Apesar de ser um valor universal, tal não significa que seja apreendido da mesma forma: “Since the cultural codes differ from society to society and across time, then so will the content of the humour.” (Billig, 2005:188).

Em constante mudança, a comédia escapa às conceptualizações, sendo que uma definição teórica concreta do que ela é e representa varia de acordo com o contexto sociocultural: “...we shall not aim at imprisoning the comic spirit within a definition. We regard it, above all, as a living thing.” (Bergson, 1914:2).

Os primórdios da comédia deram-se por volta de 500 a.C. durante o classicismo grego - o riso tem história ou atravessa séculos sem história?” (Minois 2008: 629) - e o termo surgiu para definir um género dramático que, através do ridículo, imprevisto e outros recursos, deseja provocar o riso na audiência.

Segundo Aristóteles (384-322 a.C.) a grande distinção entre o drama e a comédia prende-se com o facto do primeiro género retratar heróis, vistos como seres superiores. Por outro lado, o último género representava cidadãos comuns: “When I say that comedy is the imitation of people ‘worse’ than the average, this implied not total moral degeneracy but a falling from the ideal into one single form of such degeneracy, the ridiculous. The ridiculous can be defined as a mistake or a lapse from ‘perfection’ which causes no pain or serious harm to others. An obvious example is the comic mask, which is distorted and ‘imperfect’ but not so as to cause pain.” (McLeish, 1999:8).

O termo *framing* (Goffman, 1974) foi usado para explicar a mudança de atitude perante o que está a ser dito, ouvido ou visto quando o sujeito se encontra perante um contexto humorístico. Essa transformação é essencial para uma natural interação entre o emissor e o recetor que mostra que aceita o *framing* através do riso (Jefferson, 1979).

Por outro lado, se um individuo que não é capaz de aceitar essa mudança, expõe a sua condição de alineação perante um momento humorístico:” He reveals his lack of awareness of codes, habits, and rules. He doesn’t belong.” (Kuipers, 1971:1).

Se o riso se manifesta num certo contexto faz com que algo seja considerado engraçado ou divertido, seja uma peça de teatro, um livro ou um espetáculo. Esta característica pode estar presente em forma de comédia, sátira, jogos de palavras ou qualquer outro tipo de representação cultural que cause divertimento.

Este tipo de comunicação ao vivo (*stand up*) mede o seu sucesso através da resposta da audiência que se traduz, ou não, em riso; noutras situações, como o humor escrito ou televisivo, o humorista não consegue obter retorno: “Comedy often is a rather one-sided form of communication.” (Kuipers, 1971:5).

De acordo com o Dicionário Essencial – Língua Portuguesa (2001), o comediante é um actor ou impostor, enquanto um humorista é visto como um individuo que discursa ou escreve com graça. Tendo em conta que, como foi visto, a palavra comediante remonta à dicotomia grega e, como tal, inclui uma perspectiva de performatividade, torna-se numa definição mais completa.

A comédia representa um elemento comunicacional que nos separa de outras espécies - “...the comic does not exist outside the pale of what is strictly human.” (Bergson, 1914:3) – e que existe um contexto social.

Aliás, a apreciação de certas piadas pressupõe a partilha de uma cultura humorística em comum já que as referências e símbolos são entendidos e, depois, traduzidos em riso: “It is not only that we joke in social settings, but that our joking is from social settings.” (Fine; Soucey, 2005: 18).

Por outro lado, significar o riso pode ser uma tarefa complicada pois inclui diversas interpretações. Por exemplo, a nível fisiológico é a resposta a um estímulo que resulta na contração de músculos faciais mas levanta muitas dúvidas quando estudada a nível psicológico, social ou literário: “Alternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardónico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo.” (Minois, 2008: 15,16).

Já no campo da definição de uma piada, a dificuldade de chegar a um consenso é a mesma sendo que pode ser vista como “the art of making fun without raising anger, by means of ritual mockery or insults which are neutralized by their very excess...” (Bourdieu 1984: 183).

1.2. Teorias do humor

Existem diversas teorias do humor, sendo que primeiramente foi criada a “Teoria da Superioridade” que defende que o humor é baseado no objeto que é visto como inferior; por exemplo, considera-se que a ignorância dos outros é que causa divertimento. O riso torna-se, então, uma espécie de glória momentânea. (Thomas Hobbes, 1588-1679).

Perante esta hipótese, sugere-se que o humor deveria ser moralmente aceite (Hosle, 2007) daí que seja imperativo pôr fim ao sentimento de supremacia. Para tal, é necessário reconhecer que a situação ou pessoa que causa divertimento se encontra no mesmo nível ético que o recetor.

Segundo esta doutrina, a colocação do humorista num nível acima do alvo permite uma pausa temporária dos códigos de empatia humana que sugerem, assim, uma igualdade social: “...the comic demands something like a momentary anaesthesia of the heart (...) a temporary release from the usual demands of social feeling...” (Billig, 2005:120).

De outra perspetiva, o riso poderá não ter – conscientemente ou necessariamente - um alvo humano e palpável mas sim uma ideia ou um acontecimento: “...the target of our myth momentarily becomes an object, not a fellow human being.” (Billig, 2005:120).

De forma a refutar esta doutrina, surge a “Teoria da Incongruência” que explica o riso como o resultado de uma contradição entre a expectativa e a realidade (Schopenhauer, 1818-1844). É, então, na “frustração de uma expectativa” (Pereira, 2017:15) que o riso emerge, tornando uma piada bem sucedida: “We laugh at what forces us to integrate incompatible goals or ideas that lead to confusion, doubt, and embarrassment, but the form of what brings out these reactions varies widely”. (Weems, 2014:16). Isto é, poderá ser através dos momentos que forcem à agitação de ideias e imagens que são consideradas perturbantes – “...is funny for the same reason it’s horryfying” - (Weems, 2014:67) - que o humor acontece.

O discurso humorístico é um ato comunicacional que, através do recurso privilegiado de figuras de estilo, relata algo que poderá possuir mais significados do que aqueles que são comunicados à superfície. Ou seja, procura levar o público a chegar a conclusões por si só através da construção frásica que é, em si mesma, comédia. (Mulkay,1998).

Logo, propõe-se a existência de um processo (Dascal, 1985) de modo a explicar essa forma de descodificação de uma piada. Inicia-se pelo sujeito entender o que foi

ouvido, depois perceber o lugar dessas palavras em conjunto com o contexto que lhes pertence e, por fim, traduzir esse discurso de forma a ser criada uma ligação entre o que foi dito e a mensagem que o humorista pretende, de facto, transmitir.

Essa compreensão é, normalmente, feita de forma indireta já que, à medida que a piada é contada, a audiência vai criando uma ideia da conclusão desse discurso e, por último, é apresentada com um final que não corresponde a uma conclusão lógica ou expetável. Assim, surge o riso, como é explicado na teoria acima mencionada.

Apesar de Kant ser apologista desta doutrina, considerava que o riso surgia apenas como resposta fisiológica, devido à tentativa do cérebro assimilar as duas ideias ilógicas: “O riso é uma emoção que surge da súbita transformação de uma expetativa em coisa nenhuma.” (Kant, 1790: 47). O humor *stand-up* parece seguir a lógica da teoria da incongruência pois o *set-up* (história) cria a expetativa à volta do tema que culmina com a *punch line* (frase final) que viola essa mesma premissa: “The difference between humor and other kinds of information is that humor establishes incongruous relationships (...) with a suddenness (timing) that leads us to laugh.” (Rerger, 1976:113).

Por último, a “Teoria do Alívio” sugere que o riso é uma consequência de uma descarga emocional, ou seja, é um mecanismo para aliviar a tensão. Isto é, perante um estímulo (piada que ainda não foi percecionada como tal, por exemplo) o riso emerge pois o sinal de perigo foi desativado; é uma espécie de resposta a um perigo meramente simbólico que resulta no riso, visto como energia até ai acumulada (Freud, 1905-1960).

Também existe a ideia que o humor tem de ser percecionado como um processo e não como um comportamento dado que, sob as circunstâncias ideais, tudo poderá causar riso (Weems, 2014). Ou seja, o teor da piada e a sua construção poderão ser independentes da reação à mesma, o que anula uma possível categorização em alguma das teorias acima mencionadas; depende, apenas, de um conjunto favorável de circunstâncias que apelem a essa resposta.

1.3. Funções do humor

Existem diversas discussões sobre a função do humor na sociedade, sendo que a sua única utilidade mensurável será a provocação de uma reação no público – o riso.

No entanto, existem outros exemplos, como a função de inclusão - ao surgir como um identificador em comum, aproxima diferentes indivíduos (Meyer, 2000) e, paralelamente, reforça o grupo ao ajudar na construção da identidade do mesmo.

Por outro lado, poderá criar separações em sociedade se não houver a partilha do mesmo sentido de humor numa dada sociedade: "Those who do not join in the laughter, because they do not get the joke, or even worse, because the joke targets them, will feel left out, shamed, or ridiculed." (Kuipers, 2008:370).

De encontro com esta ideia, surge, também, a função de diferenciação que defende que o humor pode alimentar o preconceito "ao ridicularizar a oposição através do riso" (Meyer, 2000:322). O autor refere como exemplo o humor negro, considerando que sustenta desigualdades sociais ao brincar com assuntos sensíveis e, conseqüentemente, com as pessoas que não possuem meios de defesa: doentes e deficientes são alguns exemplos.

De acordo com estas noções de diferenciação e separação, é necessário, então, partir do pressuposto que o humor possui um alvo, tal como na Teoria da Superioridade; ou seja, o humor dificilmente terá um papel unificador na sociedade a partir do momento em que germina de noções consideradas divisoras e controversas.

Ainda assim, há quem simpatize com a ideia que o humor pode ter o efeito inverso pois "subverte o medo" (Pereira, 2016:107) ao banalizar o estigma criado à volta de um determinado tema sob uma forma humorística, retirando-lhe, assim, o seu poder. Por exemplo, no caso da morte: "Fazer com que as pessoas se riam desta ideia: por mais que façam, vão morrer. Fornecer-lhes uma espécie de anestesia para esse pensamento." (Pereira, 2016:110).

Estando o humor fortemente condicionado pelo contexto sociocultural em que está inserido, poderá ter diversas mutações a nível das suas funções.

1.4. Os limites e transgressões do humor

A figura do bobo da corte, marcada pela "ironia, paródia, transgressão", (Balandier, 1999: 49) demarcava-o do resto da sociedade ao sair totalmente impune dos ataques que conduzia às mais diversas formas de personagens do poder. Toda a desordem social podia – e devia – ser explanada por esta personagem que, precisamente por infringir com a ordem, ajudava a que esta se preservasse: "A ordem e a desordem da sociedade são

como a cara e a coroa duma moeda, indissociáveis.” (Balandier, 1999:67). Ou seja, a sua função em sociedade ia para além da denúncia de problemas sociais, políticos ou económicos tendo em conta que é através do bobo que as duas forças – ordem e desordem – se equilibram pois o contrapoder pode ver os seus lamentos denunciados, não permitindo, assim, que se traduzam numa revolta maior. Constituiu uma espécie de alívio, o que leva a que ambas as forças vivam em harmonia “sem risco de desintegração social”. (Balandier, 1999:46).

O seu poder de violação social transformava-o numa espécie de “bode expiatório” (Balandier, 1999:53) da mensagem transgressora a quem incumbe, também, refazer a ordem depois de mostrar à audiência uma perspetiva social assente em diferentes conceitos onde “as normas, as proibições, os códigos se dissolvem.” (Balandier, 1999:3).

Assim, é a partir da existência de um código imposto que nasce a necessidade de o quebrar – seja ele político, social ou económico - e a transgressão ganha impulso.

Tendo em conta que o humor também se redefine em momentos de transformação – “much humor is based on the transgression of social boundaries” (Kuipers, 2008:378) -, acaba, também, por renovar os seus alvos de acordo com o momento temporal em questão. Da mesma forma, o público que não acolhe este tipo de humor também difere de acordo com esse contexto específico.

Logo, o humor depende, também, de uma resposta negativa quando tenta romper com a ordem instaurada de modo a criar um equilíbrio próprio na organização humorística - “it serves little point to look forward to a utopia that will only know laughter.” (Billig, 2005:24) – que nunca se esgotará, partindo do pressuposto que haverá sempre um novo assunto polémico, assim como um público altamente heterogéneo que alimenta uma receção positiva e negativa da comédia mais ácida.

Por exemplo, a comédia alternativa da década de 1980, no Reino Unido, começou, em parte, por ser uma reação *punk* contra o humor considerado racista e homofóbico. Esses comediantes alternativos rapidamente se transformaram no conformismo alternativo da comédia, sendo, depois, considerados politicamente corretos.

A eterna discussão da limitação do humor – como e através de que autoridade são apenas algumas das questões – irá continuar a ser debatida, sendo que a existência desta problemática evidencia o valor do debate livre.

De outra forma, a presença de intolerância social (Mill, 1973) poderia fazer com que os indivíduos sentissem a necessidade de se abster de um contributo opinativo e, assim, para a criação de uma possível realidade de singularidade de opiniões.

Concluindo, o valor de um debate amplo sobre assuntos polémicos, como este, não deverá ser omitido, até pelo risco de futuras “tensões latentes, à espera de irromper.” (Hume, 2016:283).

1.5. Humor negro

O *framing* que acontece em toda a comunicação humorística que for bem-sucedida é, muitas vezes, um fracasso no humor negro; por diversas razões, o recetor pode não perceber que está perante uma mensagem com valor cómico ou, ao entender essa mudança, decide não aceitá-la. Quando a mensagem não chega à audiência e, assim, a sua resposta não se traduz em riso, o trabalho do humorista falhou: “If the audience doesn’t recognize or accept these shifts, the humour will fail and the ethical question of offensiveness would then be on the cards.” (Lockyer; Pickerring, 2005: 90).

Uma das razões para esse fracasso prende-se com o facto do público não se rever na transformação de um assunto sério trabalhado de uma perspetiva humorística; há, assim, uma espécie de barreira entre a audiência e o humorista, como é o caso de assuntos tabu.

Paradoxalmente, se o público tiver constantemente uma resposta recetiva a assuntos vistos como estritamente sérios, não haveria mais espaço para a transgressão de barreiras; ou seja, o humor perderia alvos e, assim, parte da sua força revolucionadora a nível social: “Humour is only possible because certain boundaries, rules and taboos exist in the first place.” (Lockyer; Pickerring, 2005:14).

Em casos em que o assunto é visto como tabu, existe uma tendência para o piada ser recebida de forma mais entusiasta comparativamente a outro tema – “the resulting explosion of laughter is likely to be stronger.” (Mcghee; Goldstein, 1983:217) – e se conseguir transgredir com sucesso é porque conseguiu, de forma momentânea, “desligar considerações morais”. (Kuipers, 2008:166).

Contrariamente, se a piada não resultar junto do público não poderá ser percecionada como humor, fazendo uma mudança automática para outros campos, como a ofensa: “To an audience, a funny joke about a sensitive topic can tempt them to laugh, but an unfunny joke about a sensitive subject is nothing but an insult, a coarse remark or a dirty word.” (Kuipers, 1971:157). O autor acredita que esta situação é recorrente pois o

humor negro é primeiramente percebido de um ponto de vista moral e só depois humorístico, o que dificulta o processo de decodificação da piada, apesar de a sua gênese ser baseada em total liberdade linguística, de restrições socioculturais e inibições mundanas.

Tendo em conta que a Teoria do Alívio assume que uma situação cômica deriva da tensão armazenada sobre um certo assunto, poderá encaixar na vertente de humor negro: “We realize the playful nature or even the most cruel joke and laugh our anxieties or tensions away: «It was only a joke!»”. (Giselinde, 1971:9).

Ora, o próprio impedimento social de encontrar humor em situações mais sérias ou sensíveis poderá, também, despoletar essa reação; isto é, o próprio impedimento de rir causa essa reação, da mesma forma que os assuntos que não deveriam ser falados acabam por ser os mais desejáveis humoristicamente: “Whatever is taboo becomes the topic of the joke because it is taboo.” (Dundes, 1987).

Do ponto de vista textual, a vertente mais negra do humor é igual a outros gêneros humorísticos. Isto é, a técnica e a forma de construção da piada são as mesmas. O que a separa verdadeiramente de outros subgêneros é a sua ambiguidade pois aproxima-se da tragédia mas causa, muitas vezes, riso pois existe uma distância considerada segura para se perceber o acontecimento que desencadeia a piada como apenas isso: uma premissa para um objetivo, que é rir: “Em termos gerais, as boas piadas são de mau gosto. Tendem a ridicularizar as regras respeitáveis e a moral da sociedade. A comédia é, por natureza, sempre controversa, desafiando os limites do que se considera de bom gosto e decente na sua época.” (Hume, 2016:158).

O papel do humorista passa por encaminhar o seu público “para a mesma posição horrorizando-o e, depois, desvia o seu medo nascente por meio de alguma mudança cômica ou espirituosa. Essa posição é vista como liberal, como uma independência humana que reconhece as dores e os medos da vida e os transcende.” (Winston, 1972:270).

Assim, o comediante e a audiência percebem o riso como uma vitória contra o medo pois possuem a capacidade de rir perante a adversidade.

Contudo, o humor negro não reúne consenso já que é, para muitos, uma profunda ofensa àqueles que são vistos como alvos do discurso humorístico e uma maneira de perpetuar o estigma contra homossexuais, pessoas de diferentes religiões, raças, doentes, etc.

Não obstante, a discussão relativamente à pertinência e gosto desta perspectiva humorística é intrinsecamente subjetiva e depende do contexto em que o discurso é inserido de forma a se perceber se é uma piada ou algo mais: “Como é que o termo «preto» dito num espectáculo de um comediante negro ou entre dois negros pode ser equiparado à mesma palavra gritada por um racista?” (Hume, 2016:214).

A tónica na discussão do gosto ou não por esta perspectiva humorista perde força quando a sua existência é ameaçada pois essa realidade contribuiria para um universo de comédia “mais conformista e intolerante” pelo que tentativas de diminuir espaços e realidades cómicas “devia provocar em nós tudo menos o riso.” (Hume, 2016: 167)

Como já foi visto, a ambiguidade é um traço característico do humor transgressor o que pode dificultar a distinção (ou uma mudança de atitude) entre uma tragédia e uma situação cómica, apesar de existirem signos diferentes:” ...tragedy results in pain and sense of guilt, whereas the comic causes pleasure and fades away in laughter. Yet, the boundaries are often very thin.” (Kuipers, 2008:23).

De acordo com Weems (2014) é no equilíbrio das demais variáveis que a piada se poderá tornar bem-sucedida entre o público pois se existir pouco conflito emocional ou uma excessiva transgressão a piada poderá falhar, além de depender de outras variáveis.

1.5.1. O papel da intenção e da ofensa no humor negro

Segundo Lockyer e Pickerring (2005) as piadas de humor negro refletem preconceitos, pelo que têm um papel ativo na inferiorização de grupos sociais vistos como minorias, por exemplo. Ou seja, o humor negro terá exclusivamente a função de dividir indivíduos e fazer com que a noção de desigualdade cresça.

Weems (2014) apoia esta ideia ao deixar em aberto a hipótese do humor negro operar em níveis abaixo da consciência racional, acabando por aumentar crenças preconceituosas tais como o racismo e a homofobia. No entanto, sublinha que o fator determinante é a mensagem do humorista e a intenção que lá está contida:”...humor always contains two messages: what the humorist is saying, and all the other stuff left unspoken.” (Weems, 2014:99)

Por outro lado, existe a ideia de que o humorista não contém, na sua mensagem humorística, a intenção de provocar qualquer tipo de ofensa. Assim, essa sensação passa a ser uma escolha: “A ofensa entra tanto no campo subjetivo da emoção e sentimentos

que não poderá existir forma de a medir ou culpabilizar (...) é inerentemente uma reação subjetiva.” (Ash, 2017:110).

É necessário perceber o contexto em que a ofensa existe pois “as mesmas palavras ou imagens podem ser inofensivas num contexto e fatais noutra” (Ash, 2017:109) apesar desta forma de expressão não simbolizar uma ação posterior.

Por exemplo, a personificação do bobo da corte como o veículo da verdade perdia força interventiva ao usar diferentes técnicas comunicacionais de denúncia social que tornam a mensagem “menos ofensiva” (Balandier,1999:45) ou, pelo menos, desconsiderada como uma ameaça real.

Timothy Ash (2017) considera que o problema reside na falta de capacidade de cada individuo perceber um ato humorístico pois fica preso na barreira da ofensa pelo que se torna necessário incentivar “peles mais espessas” (Ash, 2017:115) de modo a reduzir essa realidade: “Se nem os comediantes podem perturbar e ofender, que hipótese terão as outras pessoas?” (Hume, 2016:168).

Da mesma forma que existe o direito à liberdade de expressão, surge a necessidade de discutir um ‘direito à ofensa’; o autor acima referido considera que sem este direito torna-se complicado perceber se existem bases para sustentar uma civilização realmente democrática, para além do perigo de, caso este direito não seja reconhecido, haver o perigo iminente de não se criarem estruturas para este ser protegido na sociedade ocidental contemporânea. Ou seja, o autor sugere a estimulação do direito à ofensa, o que engloba a liberdade de questionar qualquer assunto.

O direito à ofensa surge como forma de respeitar o espaço do humorista e do seu trabalho e, também, do público que tem livre-arbítrio para decidir como reagir: “Defender o direito a ofender não tem de significar celebrar tudo o que é desagradável (...) é apoiar a liberdade de pensar o que queremos e dizer o que pensamos.” (Hume, 2016: 286).

Com isto, o vocábulo «ofensa», visto muitas vezes como uma reação normal a discursos humorísticos vistos como transgressores, torna-se numa expressão livre que tem de coexistir com o trabalho de humoristas.

De outra forma, o receio de não verbalizar algo pelo risco de serem vistos como ofensivos sugere uma submissão ao público e, assim, a perda do direito que estimam: “Elevar a vulnerabilidade ao estado de virtude tem óbvias implicações na atitude perante a liberdade dos outros para se entregarem ao discurso ofensivo.” (Hume, 2016:63).

Aliás, se o humorista consegue provocar a audiência ao ponto de esta se sentir ofendida já pode ter conseguido, de outra forma, ter provocado uma reação pois “a

experiência atesta que a ofensa se dá sempre que o ataque é eloquente e potente...” (Mill, 1973: 140).

Não obstante, Timothy Ash (2017) reforça o papel crucial do contexto, assumindo que as palavras e outras formas de expressão possuem o potencial de ferir suscetibilidades, pelo que encarar o direito à ofensa é fundamental, desde que a mesma não interfira na liberdade do criador. Refere, ainda, que a existência de sentido de proporção e “mais valioso que tudo, um sentido de humor” (Ash, 2017:115) podem ser formas de diminuir o sentimento de ofensa.

Tendo em conta que as fronteiras entre o que é considerado ‘engraçado’ ou ‘ofensivo’ são altamente subjetivas – “...a joke is seen as funny if it touches upon a social boundary; but the minute this goes too far, appreciation for the joke quickly fades” (Kuipers, 1971:146) – parece ter que existir um maior cuidado na construção da piada de modo a justificá-la o que não anula, ainda assim, a sua liberdade de ser dita.

1.5.2. Os fatores distância e tempo no humor negro

Um dos aspetos que parece determinar o potencial cómico da piada ácida é a distância que a audiência possui desse acontecimento pois não existe uma ligação emocional: “...a new mother of my acquaintance, who had once been appreciative of a particular sick joke involving a dead baby and an electric fan is now a mother (...) the joke is no longer funny to her...” (Veatch, 1998:173). Isto é, se não existir uma conexão entre o indivíduo e a situação hipotética da piada que impossibilite a mudança de atitude – do sério para a comédia - perante o discurso humorístico, ela resulta. No fundo, é a inexistência de uma ameaça real que possibilita a perceção do discurso humorístico: “Even a corpse at a feast, or parental cruelty, can be found humorous when presented in a non-threatening light.” (Morreall, 1987:57).

Por outro lado, há quem argumente que o elemento temporal define o potencial cómico - “an embarrassing situation is certainly not funny while it is being experienced, because if it cuts so close to home that it makes one feel embarrassment, then it cannot at that time be funny (Veatch, 1998:174) – pelo que quanto maior for a distância temporal, maior será a probabilidade da situação desencadear o riso como resposta.

Porém, poderá ser precisamente a próxima ligação temporal que fará a audiência perceber que está a experienciar um momento cómico; segundo o autor acima

mencionado, se a audiência se relacionar com a situação descrita, irá imaginar contornos muito mais reais nessa situação hipotética por já ter experienciado algo semelhante. Devido ao facto de a ameaça já não ser real (naquele momento a situação experienciada já é passado, por muito recente que seja), deixa de consistir num constrangimento tangível.” It is funny when it has the flavor of being threatening but is no longer so personally involving, now that things are really okay.” (Veatch, 1998:175). Ou seja, a própria distância temporal é relevante na mensagem humorística: “Hoje somos capazes de rir de um episódio trágico passado connosco há anos, quando na altura isso era impossível.” (Pereira, 2016:23).

Assim, se a audiência conseguir fazer um *framing* com êxito, percebe que a violação do código – a piada em si – é aceite do prisma humorístico, tornando a situação normal ou com poder anedótico.

1.6. Liberdade de expressão

Os primeiros laivos da liberdade de expressão deram-se na Grécia da antiguidade, pelo menos para a maioria dos cidadãos do sexo masculino. Porém, o assassinio de Sócrates, 399 A.C., demonstrou que o potencial desse traço democrático necessitava de amadurecer: “...o braço da lei serviu para extirpar os melhores homens e as mais nobres doutrinas; isto com deplorável êxito quanto aos homens, mas não quanto a algumas das doutrinas, que têm sobrevivido para serem invocadas....” (Mill, 1973:92)

Assim, esse ato marcou a história ao evidenciar que “ a liberdade de expressão é sempre uma coisa perigosa e litigiosa.” (Hume, 2016:90)

Ainda assim, deve-se o termo «liberdade de expressão» ao jurista Sir Edward Coke, em 1628 e, mais tarde, na era do Iluminismo, essa locução era amplamente discutida.

Por fim, em 1791, a Primeira Emenda dos Estados Unidos da América incluiu o direito à liberdade de expressão na Constituição e o caminho estava aberto no Ocidente para o seu desenvolvimento, com avanços e recuos até aos dias de hoje.

1.6.1. Liberdade de expressão no humor

O atentado em Paris no jornal satírico *Charlie Hebdo*, no início de 2015, tornou-se num dos momentos da atualidade mais denunciadores da necessidade de se discutir o significado da liberdade de expressão, considerado o “factor mais determinante” (Hume, 2016:33) para a sustentação de uma sociedade civilizada. Tornou-se, também, num exemplo contemporâneo de transgressão no humor que acabou por eclodir numa discussão sobre os limites humorísticos e de livre-arbítrio, tendo em conta que o atentado resultou em vários mortos: “É assim que aprendemos a navegar nos altos mares da liberdade de expressão: levando o barco para o largo, enfrentando águas agitadas, ventos adversos e outros barcos.” (Ash, 2017:116).

Depois deste acontecimento, argumentou-se que a morte daqueles indivíduos poderia ser uma consequência das suas ações pois deveriam saber que há assuntos intocáveis; no entanto, muitos argumentaram contra esse pensamento: “Falta de respeito, a meu ver, é ficar ofendido com piadas, insultar, ameaçar de morte e, neste caso, concretizar essas ameaças.” (Faro, 2016:58).

O acontecimento parece ter evidenciado as fragilidades deste direito – de um lado, o apoio à liberdade de expressão e do outro lado, o medo das consequências que esse direito poderá acarretar. Até os meios de comunicação – Guardian, Sky News – sentiram a necessidade de, após o massacre, pedir desculpa por algum tipo de ofensa que pudessem causar pelas suas capas de revista.

Seguidamente, o Papa declarou que existem limites à liberdade de expressão e que insultar a fé dos outros era passar um limite, apelando a noções de respeito o que poderá ser uma das problemáticas centrais em torno da questão da liberdade: “O que devasta o medo devasta o respeito.” (Pereira, 2016:107).

As autoridades francesas ordenaram a repressão de todos aqueles cujas palavras pudessem ser consideradas ofensivas; como resultado, uma semana depois do ataque, mais de 50 pessoas tinham sido presas devido a delitos de opinião. Desta forma, julga-se que a sociedade caminha para “uma cultura anódina em que qualquer opinião considerada demasiado forte ou matizada ou estranha tem de ser suavizada, tenha ela sido expressa numa revista satírica, num cântico...” (Hume, 2016:284).

Posto isto, o resultado parece ter sido o reforço do medo e uma completa confusão da definição da liberdade no mundo contemporâneo: “Como sempre em tempos

conturbados, o único mecanismo que pode funcionar é o incitamento à discussão, e não o contrário.” (Hume, 2016:30).

Consequentemente, o massacre fortaleceu a confusão em torno da liberdade de expressão apesar de a sua defesa acarretar, em teoria, o direito de uma revista – tal como o Charlie Hebdo – ofender, magoar, criar sentimentos de revolta: “A liberdade de expressão implica sempre, antes de mais, defender aquilo que certa vez o Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América descreveu como a «liberdade para as ideias que odiamos»”. (Hume, 2016:28).

O autor refere que se vive numa era de “escravidão de expressão” (Hume, 2016:55) que opera em diferentes níveis: nos Estados islâmicos pode-se condenar alguém à morte por blasfémia, na China a internet é altamente censurada e na Coreia do Norte a censura está normalizada.

Do outro lado, a defesa parcial deste direito multiplica-se e vem manchar discursos sobre a liberdade no Ocidente. Ou seja, parece não existir uma pessoa, símbolo ou política que tenha vindo abalar os alicerces da liberdade de expressão democrática mas sim o conformismo com situações em que ela era diminuída: “O apoio à liberdade de expressão floresce nos momentos históricos em que a humanidade avança e está cheia de confiança em si mesma; murcha em tempos de medo e misantropia.” (Hume, 2016:287).

Assim, acaba por ser uma “guerra silenciosa” (Hume, 2016:58) não pelos seus agentes serem reservados mas sim por, defende o autor, ninguém querer admitir que é contra este direito ou que concorda parcialmente com ele. Ou seja, estas opiniões são reprimidas o que significa que não existe liberdade de expressão suficiente para se discordar ou discutir o próprio sentido do livre-arbítrio.

Apesar dos avanços que encaminharam para sociedades mais livres, parecem existir consequências legais quando o direito da liberdade de expressão é usado – só no Reino Unido, existem 25mil processos anuais por crimes relativos ao discurso. Aliás, possui dezenas de leis que se opõem a este direito.

Em 1857, um indivíduo foi condenado, pelo condado de Cornwall, a vinte e um meses de prisão “por proferir e escrever numa porta algumas palavras ofensivas à religião cristã.” (Mill, 1973: 101).

Em 2016, o Reino Unido criou leis que criminalizam o envio de “mensagens através de uma rede pública de comunicações electrónicas que seja grosseiramente ofensiva ou de teor indecente, obsceno ou ameaçador.” (Hume, 2016:65).

O autor refere, ainda, outras leis que criminalizam palavras ou comportamentos vistos como excessivos ou que possam ferir emocionalmente alguém.

Já nos Estados Unidos da América, existem dois princípios fundamentais da lei da liberdade de expressão que declaram que o governo jamais delimitará a expressão porque alguém se sente ressentido e que a imposição de restrições só é tolerável caso seja imprescindível para prevenir males iminentes.

Antigamente, o bobo da corte detinha “liberdade absoluta” (Balandier, 1999:50) para realizar o seu trabalho, o que se tornava incongruente dada a sua dependência total da própria entidade que autorizava o seu trabalho pois podia, a qualquer momento, ser morto ou dispensado.

Nos dias de hoje, a figura do bobo de corte está simbolizada no comediante pois também possui o poder de denunciar os males da sociedade “sem risco de desintegração social” (Balandier, 1999:46) ou, aparentemente, sem consequências legais que o deixem à margem da sociedade.

Na prática, parece haver uma excessiva regulamentação legislativa do discurso (Ash, 2017) o que se traduz na incapacidade dos cidadãos em lidar com outros pontos de vista. Partindo do princípio que o objetivo não é criar uma opinião homogênea mas sim incentivar a discussão, esse trabalho torna-se “relevante num mundo interligado, repleto de poderes em competições e de conflitos florescentes.” (Ash, 2017:38).

Os humoristas e estudiosos da área defendem que poderá ser a vertente não ameaçadora e real (são só palavras) que confere legitimidade ao humor para ele ser livre. Posto isto, a solução não será a imposição de limites nesta área: “Tem que ver com desfrutar da liberdade de questionar tudo, não aceitar o senso comum de olhos fechados; desafiar, criticar, atacar ou ridiculizar as opiniões ou crenças de alguém na certeza que a pessoa tem o direito de retribuir da mesma moeda”. (Hume, 2016:49)

1.6.2. O politicamente correto e a liberdade humorística

O politicamente correto remete para a discussão e “constantes negociações e renegociações de sentidos e de valores” (Soares, 1998: 235) na comunicação verbal entre indivíduos. Procura acabar com o estereótipo através da alteração de certas expressões o

que, desejavelmente, ajudaria a pôr fim ao estigma e a atitudes expressivas discriminatórias.

Porém, a escolha por palavras vistas como mais neutras não resolve, diretamente, problemáticas raciais ou de homofobia apesar de poder transformar a relação social (Possenti, 1995) subjacente à escolha do termo.

Atualmente, o papel do politicamente correto trouxe uma pressão sociocultural extra que censura a expressão de opiniões discordantes (Hume, 2016). Isto é, o medo de ofender cria entraves no exercício da expressão o que contribui para a singularidade de visões sobre diversos assuntos e, no caso do humor, para a diminuição de expressões humorísticas infratoras.

1.6.3. Liberdade de expressão humorística nas redes sociais

Com a chegada da internet, as dinâmicas de comunicação alteraram-se dado que se criou um espaço onde é possível expor opiniões individualizadas (e, também, de pessoas que pertencem a minorias ou que vivem à margem da sociedade) e discuti-las num formato democratizador pois há um lugar que as alberga.

Na teoria, seria, então, “a engenhoca mais amiga da liberdade de expressão” (Hume, 2016: 107) apesar de, atualmente, existirem países onde o acesso a certas redes sociais foi travado.

A par disso, em 2014, surgiu o conceito de “direito ao esquecimento” (Hume, 2016: 118) que dá a possibilidade de extinguir, definitivamente, informações presentes no mundo virtual se forem devidamente sustentadas, como aconteceu com um cidadão espanhol que queria apagar uma notícia antiga relativa a dívidas suas. Segundo o próprio, o facto desse artigo estar presente na internet denegria a sua imagem pois, de momento, já não tinha o problema referido na notícia.

De seguida, surgiram inúmeros pedidos relativos à retirada de ligações de motores de busca, sendo que desde o primeiro caso já tinham sido retiradas perto de 500 mil publicações.

Se por um lado esta situação é vista em prol do direito à privacidade, por outro lado remete para a ideia de que é legal retirar a liberdade de pesquisa livre pela audiência.

Alguns governos formalmente democráticos têm tentado diminuir a liberdade de expressão em plataformas *online*, como foi o caso do primeiro-ministro da Turquia, Recep Tayyip que, em 2013, afirmou que as redes sociais eram a “maior ameaça actual à sociedade” (Hume, 2016:107) pelo que as autoridades turcas tentaram bloquear diversas redes sociais, como o *Youtube*, *Twitter* e *Facebook*.

A partilha de publicações pela parte dos humoristas nestes espaços tem uma repercussão imediata pela parte da audiência, produzindo um impacto massivo – positivo ou negativo – no trabalho dos humoristas; por exemplo, ao haver um número elevado de denúncias no *Facebook* (as razões podem ser inventadas pois não existe uma entidade de averiguação) a página é automaticamente bloqueada.

Apesar da convivência numa sociedade digital onde há espaço para variadas opiniões, ideias e, mais concretamente, trabalho humorístico, a possibilidade de haver consequências diretas dessa ação fica em aberto.

Por exemplo, o comediante David Daniel O'Reilly criou, em 2013, uma personagem chamada *Dapper Laughs* nas redes sociais que se tornou popular ao ponto de ter sido criada uma série na televisão. A partir desse momento, muitas pessoas ficaram revoltadas com o teor das suas piadas e o comediante chegou a ser proibido de entrar em universidades, ao mesmo tempo que a sua página acumulava mensagens indignadas.

Apesar de ser uma personagem inventada, acabou por ser alvo de revolta e de acusações como racismo e assédio sexual. Através de assinaturas numa carta aberta (assinada, também, por humoristas) o programa deixou de ser emitido.

Em 2014, o antigo capitão da seleção inglesa foi suspenso e multado por ter respondido a uma mensagem no *Twitter* com termos considerados inadequados tendo em conta o seu estatuto. Depois deste acontecimento em específico e de muitos outros, opinou-se que o fim desta rede social poderia resolver a situação. Porém, também se argumentou que “responsabilizar o Twitter pela «era de indignação incessante» é como culpar as pedras por um apedrejamento.” (Hume, 2017:198).

No ano seguinte, foi a vez do comediante Trevor Noah ser alvo de protestos por ter sido apontado como o próximo apresentador de um conhecido programa o que causou polémica na internet pois era considerado demasiado ofensivo para ocupar o cargo.

Ou seja, existem certos tipos de humor que resultam nas redes sociais mas que ao tentarem outros campos, como o televisivo, não são bem acolhidos por esse público.

No entanto, aqui a discussão parece ser centrada nos novos códigos de comportamento da audiência: além de usarem o seu livre-arbítrio para não consumirem

determinado tipo de comédia, sentem a necessidade de pôr um termo à atividade do humorista.

2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1. Fundamentação Metodológica

A metodologia é o ponto fulcral da investigação dado que lhe confere rigor técnico e credibilidade. Através dela é possível aferir hipóteses, encontrar respostas para as questões de investigação, refletir e, até, sugerir cenários para futura discussão. Não há, pois, uma verdade absoluta mas sim uma realidade cuja fiabilidade decorre de procedimentos da investigação fornecidos pela ciência.

2.2. Metodologia Qualitativa

Ao optar por uma metodologia qualitativa privilegio uma melhor compreensão dos sujeitos e das relações que ocorrem entre eles e a sociedade pois estão inseridos num contexto que os caracteriza. Existe, assim, um melhor entendimento dos processos sociais, uma vez que o objetivo passa por “compreender e encontrar significados através das narrativas verbais e de observações em vez de números” (Bento, 2012:1).

Outra razão que me levou a optar por esta forma de recolha e tratamento de informação deve-se ao facto de ser uma atitude “mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses.” (Bardin, 2007:108)

Em termos concretos, o próprio foco da dissertação foi-se moldando à medida da sua construção pelo que a opção por um tipo de metodologia mais flexível foi determinante durante a pesquisa. Na verdade, de acordo com Isabel Guerra (2006), a primeira fase da construção do modelo de pesquisa é a definição do objeto que se vai construindo à medida do estudo e devido ao contacto com a recolha de dados.

O estudo foi feito através de metodologias qualitativas – análise documental (levantamento de teoria sobre o humor), análise de conteúdo digital (vídeos de entrevistas com humoristas e publicações em redes sociais) e entrevistas (concretizadas através de e-mail).

A escolha por este género de análise deve-se ao facto de ser necessário usar o método empírico baseado na análise de discurso em conjunto com notas teóricas de forma a analisar os dados sob um enfoque indutivo.

Há diversos fatores que podem condicionar a investigação como o processo de construção da dissertação, a escolha de informação recolhida (e, consequentemente, aquela que ficou de fora) e os agentes que acabam por participar, ou não, o que, muitas vezes, acontece de uma forma não programada ou que sofre alterações inesperadas.

Tendo como base uma metodologia indutiva, apoio-me na informação empírica como “o ponto de partida e a matéria-prima de qualquer teoria” (Guerra, 2006:66) para além da “capacidade de interpretação, ou inferência, por parte do investigador” constituir um dos grandes traços que define esta forma de investigação. (Guerra, 2006:61).

2.3. Amostra

A escolha da amostra de entrevistados procurou obedecer à “regra da exaustividade” (Bardin, 2007:91) de modo a não deixar de fora qualquer informação que seja pertinente.

Além disso, a “regra da representatividade” (Bardin, 2007:91) torna-se fulcral na análise pois a amostra escolhida tem de servir de exemplo para a realidade que pretendo elucidar.

A par destas normas, surge a “regra da homogeneidade” (Bardin, 2007:91) que prende-se com a necessidade de manter o foco na amostra pois se não for uniforme o estudo não chegará a conclusões tendo como base algo sustentável.

Por último, Bardin (2007) refere a regra da pertinência dado que os documentos escolhidos devem ser apropriados de forma a irem ao encontro do objetivo que originou a dissertação.

Dentro deste método existe o conceito de diversificação que procurei respeitar ao assegurar a multiplicidade de sujeitos que são estudados, de modo a não resultar um leque de respostas idênticas. No meu caso, existe uma diversificação interna pois o interesse está em analisar “a diversidade num conjunto homogéneo de sujeitos”. (Guerra, 2006:41)

Ao usar uma “amostra por homogeneização” (Guerra, 2006:46), ou seja, um grupo que partilha a mesma profissão ou *hobbie* (de forma amadora, profissional, part-time ou

full-time) poderia existir o risco de obter respostas semelhantes. Tal não aconteceu pois as características dos participantes são diversas, pois não partilham a mesma idade, género, gostos, experiências, entre outros fatores.

Por último, a amostra, que nunca se define “por acaso, mas em função de características específicas que o investigador quer pesquisar” (Guerra, 2006:43), foi-se diversificando ao longo dos primeiros meses pois o próprio objeto e hipóteses da dissertação alteraram-se.

Dessa forma, a escolha por uma metodologia indutiva ajudou-me na medida que permite “a contínua reformulação das hipóteses e o apoio ativo do investigador, que nunca é passivo”. (Guerra, 2006:32)

Apercebi-me da necessidade de não alargar a amostra a partir do momento que ocorreu a “repetição das informações” (Guerra, 2006:42) pelo que não houve mais necessidade de recolher novos dados. Isto é, o valor da amostra não se focou no número de indivíduos mas sim numa “pequena dimensão de sujeitos «socialmente significativos»” (Guerra, 2006:20) que fossem representativos do universo humorístico em Portugal.

Da mesma forma, o número de entrevistas a realizar nunca foi definido *à priori* mas sim durante a obtenção dos resultados das entrevistas que foram primeiramente realizadas. Daí nasceu a necessidade de fazer mais levantamento de entrevistas, algo que foi de extrema importância para este estudo.

Aliás, as conclusões que pretendo expor acabam por explicar uma certa realidade do humor em Portugal e dos seus agentes o que obrigou ao “prolongamento da pesquisa para a sua generalização”. (Guerra, 2006:33)

Curiosamente, o número de entrevistas e de informação disponível na internet, entre 2016 e 2017, relativas ao tema da presente dissertação, era de grande volume.

Assim, a maior dificuldade foi, até, separar a informação de forma a obter apenas material de interesse.

2.4. Instrumentos de observação

Primeiramente, é necessário haver uma fase de “pré-análise” (Bardin, 2007:89) na organização do estudo do conteúdo, que se traduz numa seleção pensada dos documentos a serem sujeitos a investigação.

Esse trabalho foi essencial pois o objetivo inicial era determinar se existe mais censura no humor negro em Portugal após o atentado ao *Charlie Hebdo* e investigar uma possível mudança de paradigma na forma de projetar o humor pela parte dos comediantes de humor negro em Portugal. Caso se confirmasse, seria necessário avaliar as consequências socioculturais dessa limitação de liberdade de expressão humorística.

O atentado terrorista ocorrido, em 2015, ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, deveu-se a ilustrações humorísticas por parte de colaboradores da revista a representações de Maomé e de líderes islâmicos. Esta situação acabou por causar a revolta numa parte da comunidade islâmica e, principalmente, junto dos fundamentalistas islâmicos. Como resposta, a essa provocação deu-se, inclusive, a morte do diretor do jornal e de alguns cartoonistas.

Contudo, o foco da investigação alterou-se depois de as primeiras pesquisas demonstrarem, a meu ver, possíveis conclusões óbvias e pouco desafiantes. Como investigadora, senti a necessidade de usar esse acontecimento como ponto inicial de justificação para um estudo alargado sobre o significado da atual liberdade de expressão, mais concretamente no campo humorístico.

Assim, apesar do atentado ter desencadeado as minhas interrogações iniciais sobre o fenómeno do humor e liberdade de expressão, optei por estudar o assunto apenas através da opinião de comediantes em Portugal pois a discussão sobre os próprios limites dessa liberdade alargou-se e causou diversas reações perto de pessoas que trabalham na área, o que forneceu-me material para investigação.

Concluindo, ao longo da investigação o tema foi-se tornando cada vez mais pertinente pois além de ser atual, gera diversas opiniões contrárias e, principalmente, a discussão da necessidade de possíveis medidas, ou não, para a prevenção de casos como o referido atentado.

Um dos primeiros problemas que enfrentei e que dificultou, muitas vezes, o meu papel neste estudo foi “a familiaridade com o objecto de análise” (Guerra, 2006:37) pois é um assunto que me desperta interesse e que acompanho de perto, quer seja por idas a espetáculos de humor, leitura de diversas crónicas humorísticas e, até, algumas intervenções minhas a nível de performance em espetáculos de comédia.

No entanto, através da própria pesquisa de referenciais teóricos, foi possível criar um distanciamento do assunto em análise.

Consequentemente, o meu papel passou por “identificar as lógicas e racionalidades dos actores” (Guerra, 2006:22) que passaram a ser humoristas portugueses e a sua forma de ver e praticar a atividade humorística.

2.5. Entrevistas

A escolha da entrevista prende-se com a necessidade de haver um “aprofundamento exploratório perante problemáticas ainda desconhecidas” o que poderá, consequentemente, abrir caminho para “pesquisas futuras”. (Guerra, 2006:28).

Após a acumulação de material teórico sobre o tema, o passo seguinte passou pela criação de um guião de questões a serem colocadas à amostra, ou seja, a humoristas, pessoas ligadas à área e a um jurista especializado no tema da liberdade de expressão.

Esse guião foi feito tendo como base informação até à data recolhida que poderia ser passível de comentários por parte da amostra. Assim, as perguntas desenvolveram um carácter exploratório e aberto que permitiu respostas longas e não fechadas.

É certo que “numa metodologia indutiva (...) quanto menor for a intervenção do entrevistador, maior será a riqueza do material recolhido...” (Guerra, 2006:51) pelo que, idealmente, estas entrevistas seriam presenciais mas a constante falta de oportunidade para esse género de entrevista poderá ter tornado num benefício pois eu própria, como investigadora, poderia perder o foco do meu papel naquele contexto.

Isto é, a entrevista impõe sempre “neutralidade e controlo dos juízos de valor, confidencialidade, clareza de ideias para as poder transmitir e devolução dos resultados” (Guerra, 2006:22) e a escolha por uma observação não-participante, ou seja, sem interação do observador com o objeto reduziu o meu nível de interferência, aumentando, por outro lado, o nível de objetividade do estudo. Assim, obtive um maior controlo sobre as variáveis observadas.

Através da ferramenta de correio eletrónico, e também através de telefonemas, foi possível contactar os indivíduos de forma a explicar, de forma clara, o propósito da entrevista e, também, da dissertação.

Na criação de um guião de entrevista, senti necessidade de dividi-lo por tópicos de modo a organizar e redefinir as perguntas até chegar ao produto final (ver anexo III e IV).

2.6. Perfil dos entrevistados

Nome e forma de recolha da informação	Profissão	Nível de instrução	Idade
Bruno Nogueira (opinião expressa publicamente)	Comediante	Ensino secundário	35 anos
Diogo Batáguas (opinião expressa publicamente)	Comediante; Radialista	Licenciado em Comunicação Social	32 anos
Diogo Faro (opinião expressa publicamente)	Comediante	Licenciado em Publicidade e Marketing	30 anos
Guilherme Duarte (entrevista)	Comediante	Mestre em Engenharia Informática	33 anos
Guilherme Fonseca (opinião expressa publicamente)	Comediante	Licenciado em Escrita de Argumento	30 anos
Herman José (opinião expressa publicamente)	Comediante	Ensino Secundário	63 anos
Hugo Sousa (entrevista)	Comediante	Licenciado em Desporto	37 anos
Joana Marques (opinião expressa publicamente)	Radialista; Argumentista; Comediante	Licenciada em Ciências da Comunicação	31 anos
João Quadros (opinião expressa publicamente)	Argumentista	Licenciado em Gestão	53 anos

José de Pina (opinião expressa publicamente)	Escritor; Argumentista	Licenciatura em Cinema	55 anos
Luis F. Bastos (opinião expressa publicamente)	Comediante	Licenciado em Ciências da Comunicação	29 anos
Nuno Markl (opinião expressa publicamente)	Comediante; Argumentista; Radialista	Licenciado em Jornalismo	46 anos
Paulo Almeida (entrevista)	Comediante	Licenciado em Educação	36 anos
Pedro T. Mota (opinião expressa publicamente)	Comediante	Licenciado em Gestão	23 anos
Ricardo A. Pereira (opinião expressa publicamente)	Comediante	Licenciado em Comunicação Social	43 anos
Ricardo Couto (entrevista)	Comediante; Animador de rádio; Argumentista	Mestre em Comunicação Audiovisual, especialização em Cinema Documental	25 anos
Rui Cruz (entrevista)	Comediante; Guionista	Licenciado em Arqueologia e História	31 anos
Rui S. Cordes (opinião expressa publicamente)	Comediante	Licenciado em Comunicação Social	37 anos
Salvador Martinha (opinião expressa publicamente)	Comediante	Ensino Secundário	33 anos

2.7. Recolha de Informação

Um dos grandes desafios foi o número baixo de colaborações pela parte dos entrevistados pelo que senti a necessidade de insistir ao encontrar outras formas de os contactar, como as redes sociais.

Por outras vezes, os indivíduos aceitavam em colaborar mas esqueciam-se de responder às questões pelo que algumas acabaram por surgir mais tarde através de uma forte insistência da minha parte.

Assim, obtive respostas do Guilherme Duarte, Hugo Sousa, Paulo Almeida, Rui Cruz, Ricardo Couto e do advogado Francisco Teixeira da Mota.

Apesar das respostas obtidas terem sido diversas e interessantes do ponto de vista da investigação, senti a necessidade de, depois, usar a informação de outras entrevistas disponíveis na internet, realizadas a indivíduos que encaixavam no perfil da minha amostra, que acabam por ter um papel determinante na cena de humor nacional.

Por exemplo, é evidente a forte participação do Ricardo Araújo Pereira e do Rui Sinel de Cordes ao longo da análise de conteúdo, o que se proporcionou devido ao número de intervenções pela parte de ambos sobre as questões que efetuei aos entrevistados e, até, de outras intervenções que se tornaram ponto de partida para eu encontrar outras perspetivas sobre os diversos temas em análise.

Concluindo, recebi o total de seis entrevistas que foram complementadas pelo levantamento de 16 entrevistas, artigos ou conversas disponíveis na internet, seja em formato *podcast* ou vídeo.

Relativamente à leitura das entrevistas, Isabel Guerra (2006) sugere uma linha de organização baseada no sublinhar da informação em diferentes cores de acordo com o conteúdo que elas possuem, uma técnica que permitiu-me separar a informação de uma forma rápida e eficaz.

2.8. Tabelas de categorização

A codificação da informação passou pela criação de tabelas de categorização, um passo importante na investigação pois transforma os dados em bruto em algo que possa ser, efetivamente, estudado como fonte de conhecimento.

A escolha da criação de tabelas (ver anexo I) deve-se à necessidade de organizar o material empírico para uma "representatividade social" (Guerra, 2006:40) coerente que permita aferir conclusões sem a perda de momentos do discurso relevantes para uma posterior interpretação.

Nesta fase, passei para a criação de indicadores que possam servir de alicerces para a interpretação feita dos dados recolhidos, através da denominação de diversos títulos e subtítulos que ajudassem na organização do material empírico.

Através deste recurso, a informação recebida através do levantamento de entrevistas e as próprias entrevistas feitas por mim tornaram-se de fácil leitura pois aglomerei as citações mais pertinentes na subcategoria a que pertenciam.

Esta análise categórica temática é "eficaz na condição de se aplicar a discursos directos" (Bardin, 2007:147) o que acaba por ir de encontro ao que procurava pois todos os discursos estudados eram desse tipo.

No meu caso é mais relevante a informação singular fornecida pelos sujeitos entrevistados daí a necessidade de fragmentar o seu discurso sem cair no erro de categorizá-lo em demasia nas tabelas pois poderia perder detalhes inerentes e essenciais à compreensão das diversas opiniões que levam, também, a novas conclusões.

Além disso, foi evidente que nem todos os entrevistados possuíam respostas que pudessem encaixar em todas as categorias de análise criadas o que é normal pois "nenhum dos discursos dos entrevistados contém todas as variáveis" (Guerra, 2006: 80) em estudo.

2.9. Análise de dados

Posteriormente, foi feita a análise de conteúdo, ou seja, a categorização de toda a informação empírica recolhida de forma a ser possível retirar conclusões. Após esta fase, esta técnica termina no "confronto entre um quadro de referência do investigador e o

material empírico recolhido” (Guerra, 2006: 62) até, finalmente, perceber-se se “o corpo de hipóteses é verificado pelos dados do texto.” (Guerra, 2006:65)

Tendo em conta que as respostas que obtive possuem, naturalmente, um carácter muito subjetivo, poderia ser complicado entender a dimensão cognitiva deste processo metodológico. Ainda assim, este método tem “um carácter exploratório” (Guerra, 2006: 28) capaz de ser categorizado, depois, numa fase posterior. Tendo esta ideia em conta, um dos grandes desafios metodológicos consistiu, depois, na transformação do abstrato que define as opiniões em algo concreto.

Nesta fase, o meu papel passa por saber “desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem através ou ao lado da mensagem primeira.” (Bardin, 2007:36).

Por fim, e passando, até aqui, por “estádios que passam da ignorância à descoberta, depois à representação mental dos processos sociais e ao seu confronto com os factos e observações” (Guerra, 2006:42) a informação é exposta por escrito de modo a servir de conhecimento sobre os demais temas tratados e, ao mesmo tempo, de suporte para futuras investigações.

3. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A informação empírica, depois de recolhida, foi codificada em categorias e subcategorias capazes de demonstrar realidades que levem à sua posterior interpretação.

Assim, neste capítulo irei expor a análise da informação e do cruzamento desta com referenciais teóricos.

A escolha pela categorização da informação em diversos subtítulos prendeu-se com a necessidade de analisar separadamente cada unidade apesar de cada uma delas se integrar na problemática que estrutura esta investigação.

Mais especificamente, a análise inicia-se com a categoria “Transgressões no humor em Portugal com o subtítulo “Exemplos e consequências de falta de liberdade no humor”, “Liberdade de expressão nas redes sociais e “Assuntos que causam intolerância”. Depois, surge o tema “Humor Negro” e, seguidamente, abordei o tema “Especificidades do humor” que inclui os seguintes subtítulos: Liberdade artística; Os fatores distância e tempo; O papel da ofensa no humor. Depois, surge o tema “O poder do humor” e, de seguida, “O significado atual da liberdade de expressão” com os seguintes subtítulos: Autocensura; O papel do politicamente correto; Sobre o discurso de limites. Segue-se o tema “Regulação do humor” com “Ação dos tribunais em relação à liberdade de expressão no humor” como subtítulo. Por último, o título “Charlie Hebdo – opinião e consequências”.

Todas estas questões foram trabalhadas tendo em conta a informação fornecida pelos sujeitos entrevistados daí a necessidade de fragmentar o seu discurso sem cair no erro de categorizá-lo em demasia pois poderia perder detalhes essenciais à compreensão das diversas opiniões que conduzem, também, a novas conhecimentos.

A amostra é constituída por humoristas (profissionais e amadores) do sexo masculino e feminino, com mais de 18 anos, portugueses. A razão da escolha desta amostra de investigação prende-se com a necessidade de fechar o núcleo aos indivíduos que saibam o que é o humor (e, mais especificamente, humor negro) para além do senso comum e que pratiquem essa atividade, seja de forma regular ou não.

Para além disso, a amostra também é constituída por argumentistas, atores e cronistas portugueses ligados à área do humor pois era interessante obter um público capaz de expressar opiniões fundamentadas sobre este assunto.

Apesar de ter procurado uma amostra mais diversificada em termos de género, tal foi muito dificultado pelo facto de o número de mulheres na comédia nacional é reduzido. Ainda assim, o humor praticado por cada individuo e a sua forma de pensar sobre esta temática fornece material díspar.

Por último, surgiu a necessidade de obter respostas por parte de um jurista tendo em conta a incidência em certas questões legais. Daí surgiu uma entrevista com Francisco Teixeira da Mota, um advogado ligado à temática da liberdade de expressão que procura ampliar os seus limites em tribunais.

3.1. Transgressões no humor em Portugal

Herman relembra que na era onde não existiam redes sociais era o “poder instituído que não achava graça” a experiências de humor infratoras pelo que “inventavam sempre avarias para que não fossem para o ar”. (citado por Nunes, 2016:89)

De outra forma, Ricardo Araújo Pereira sabe que as tentativas de alargar os limites do humor podem resultar em ameaças e idas a tribunais. Não obstante, para o humorista acaba por ser algo que “é só chato” (citado por Nunes, 2016:162) pois acaba por não ter consequências diretas no seu trabalho.

3.1.1. Exemplos e consequências de falta de liberdade no humor

Em 2011, Rui Sinel de Cordes tornou-se no primeiro humorista a ser processado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, depois de ter feito piadas sobre trissomia 21 num programa natalício emitido pela SIC Radical. Consequentemente, a SIC foi multada em 20 mil euros.

Por outro lado, as ameaças podem ter um papel determinante no trabalho do artista, levando a que ele cesse a sua atividade ou mude completamente os seus alvos, como aconteceu com um coautor de Herman José:

(...)era o mais atrevido dos escritores de escárnio e maldizer e que deixou de o ser no dia em que alguém lhe enviou um esquema

com o trajecto das filhas em direcção à escola (...) mudou de estilo, de alvos, transformou-se noutra pessoa. (citado por Nunes, 2016:99)

Todavia, há quem considere que os efeitos são nulos mesmo havendo pessoas que sabem os sítios que costuma frequentar. Assim, o poder da ameaça acaba a partir do momento em que o humorista decide não alterar a sua rotina por causa dessa situação:

(...) ninguém – artista ou não – pode ser guiado ou levado a mudar as suas ações por causa de ameaças. (Cordes, 2015; 40'32'')

Da mesma forma, Paulo Almeida em nada mudou o seu estilo humorístico apesar de já ter recebido ameaças detalhadas sobre o local onde vivia e de ter sido confrontado sobre o conteúdo dos seus textos.

Também Guilherme Duarte foi alvo de ameaças de morte, o que conclui que irá acontecer sempre independentemente do tema em questão:

Por aqui se vê que no dia em que tentarmos limitar o humor com base nos sentimentos e gostos subjetivos das pessoas não nos vai sobrar assunto. (entrevista, Guilherme Duarte)

Por outro lado, pode ser precisamente na constante transgressão dos limites que o humorista adquire notoriedade para um público que procura, constantemente, perceber até que ponto é que o humorista irá ultrapassar barreiras.

Ainda assim, tal pode traduzir-se na falta de apoio de marcas que não querem ver a sua identidade relacionada com a do humorista, situação que Rui Cruz considera válida pois “qualquer instituição é livre de fazer opções editoriais, desde que devidamente sustentadas.” (entrevista, Rui Cruz) Desta forma, por vezes o humorista poderá ter que estudar as possíveis consequências do seu trabalho na medida que a reação pela parte do público e das empresas parceiras será rápida ou, até, irreversível:

Um humorista, cuja rotulagem se conota com o ofensivo, pode ser arredado de algumas salas de espetáculo e perder alguns eventuais patrocinadores. (entrevista, Rui Cruz)

3.1.2. Liberdade de expressão nas redes sociais

Rui Cruz comenta a existência de “uma espécie de policiamento moral e social” com a justificação “de uma aparente defesa da igualdade e liberdade”. No entanto, para o comediante torna-se “extremamente castrador” (entrevista, Rui Cruz) pois existem, mais do que nunca, meios para difundir o seu trabalho através da internet mas, paralelamente, cresce a dificuldade de o partilhar sem riscos.

Se para os humoristas as redes funcionam como uma montra de trabalho e uma possibilidade de acumular seguidores – “ usamos várias vezes as redes sociais para nos mantermos activos e até para testar material que deveria, noutro contexto, ser testado em palco “ (entrevista, Rui Cruz) – as consequências, por outro lado, impossibilitam esse trabalho:

O que acontece é que existem grupos de pessoas, os social justice warriors, que se juntam em grupos secretos para combinar ataques organizados a páginas de humoristas que eles consideram ofensivos, bloqueando-lhes as páginas. (entrevista, Rui Cruz)

É justamente na “amplificação da opinião” que as redes sociais atuam rapidamente com a vantagem de haver impunidade para quem denuncia, sem justificação de motivos, o comediante. Dessa forma “vence a lei da selva.” (entrevista, Ricardo Couto)

A prova está na página do *Facebook* de Rui Sinel de Cordes que já viu várias fotografias e publicações suas serem denunciadas com o argumento de que era conteúdo pornográfico.

Apesar das fotografias não serem desse teor, o elevado número de queixas leva a que a rede social seja obrigada a bloquear a página.

Seria necessário, assim, outro tipo de vigilância pois atualmente só é baseado no número de denúncias:

(...)não podem fazer isto a um humorista estabelecido no seu país, que tem a sua profissão, e a quem denunciam uma foto em palco por suposta pornografia. O Facebook tem de saber ver que é apenas um gajo em palco... (citado por Nunes, 2016:64)

Se antes se apupava um comediante, agora a demonstração de desagrado passou para a atmosfera virtual que permite o registo da opinião de cada pessoa com consequências diretas no trabalho do humorista:

Não faço muitas piadas one liners negras no Facebook porque não tenho pachorra, vão-me logo bloquear a página. Mas se for stand up, faço imenso (...) é cada vez mais um porto de abrigo onde podes estar à vontade. (Batáguas, 2017; 18'08'')

Através do poder virtual, a voz de um indivíduo anónimo pode “tornar-se uma voz de pressão para um humorista” (entrevista, Paulo Almeida) já que, associado a mais pessoas, poderá criar uma página contra o humorista ou denunciar, em conjunto, publicações dele. O comediante já conta com quatro bloqueios da sua página no *Facebook*, em 2016. Para si, a razão para tal acontecer é “independente do conteúdo”. (entrevista, Paulo Almeida)

Aquando do lançamento do livro “Somos todos idiotas”, em 2016, Diogo Faro recebeu críticas de leitores que estavam ofendidos com uma crónica sobre trissomia 21. No mundo virtual, esse texto resultou em trinta dias de bloqueio no *Facebook* e ameaças de morte.

Foi precisamente pelo culminar de diversas situações em que o humorista era sempre alvo de insultos e ameaças nas redes sociais que Markl decidiu abandonar, em agosto de 2017, a plataforma *Facebook*:

Para um tipo ser linchado nas redes já nem precisa de estar envolvido em nada, basta só existir (...) “Sei que há demasiado ódio, ira e embirração nesta rede, ou porque um gajo fez, ou porque não fez, ou só porque sim, e que a minha disponibilidade mental para isso tende a diminuir quando a idade aumenta. (Markl, 2017)

Já no ano anterior, Rui Sinel de Cordes tinha deixado de publicar conteúdo humorístico na mesma rede virtual depois de ter sido alvo de ameaças de morte devido a uma piada publicada no *Facebook*:

Neste lodo eu não vou brincar mais. Eu saí do manicómio. Mas vocês, fiquem. Fiquem com os humoristas on-demand. Fiquem com os plagiadores, com a baunilha. Fiquem com as músicas estéreis, fiquem com as piadas respeitosas. Fiquem com o standard, com o banal, com o igual. (citado por LifeStyle Público, 2016)

Por outro lado, Ricardo Couto sublinha que a questão mais problemática será o aproveitamento da discussão sobre a vigilância do discurso com o fim de “colocar o texto cómico num patamar de intangibilidade crítica”. (entrevista, Ricardo Couto) Isto é, o comediante defende que poderá existir uma desvalorização de possíveis consequências do que é proferido por colegas seus em defesa de um fundamentalismo na liberdade de expressão humorista em plataformas virtuais.

Concluindo, o humor negro subsiste, também, em redes sociais apesar de haver sempre o risco de consequências no trabalho do humorista. Assim, muitas vezes antecipa-se o resultado da piada o que demonstra a existência de um espaço com pouco livre-arbítrio em plataformas virtuais para esta espécie de humor.

3.1.3. Assuntos que causem intolerância

Quanto aos temas que desencadeiam reações de maior intolerância, a resposta dos entrevistados foi unânime já que concordaram que o futebol era o assunto mais polémico. Por exemplo, a intolerância a este assunto passa rapidamente para campos de ameaça:

Eu posso fazer 50 piadas sobre doenças, mortes, tragédias...sem qualquer problema, mas se faço uma piada sobre o Sporting, o Porto ou o Benfica, começam imediatamente a chover ameaças de morte. (entrevista, Paulo Almeida)

De forma a explicar este fenómeno, parece haver uma correlação entre os assuntos mais inflexíveis com a proximidade que eles têm do recetor:

Já vi a mesma pessoa a chorar a rir com um set sobre violações e ficar ofendida com um set sobre gatos. Porquê? Porque

não conhecia ninguém que tivesse sido violado, mas tinha gatos. As pessoas ofendem-se com aquilo que lhes toca. (entrevista, Rui Cruz)

De outra forma, surge o exemplo de João Quadros, guionista de muitos projetos humorísticos, que publicou uma piada na plataforma *Twitter* como resposta a declarações do líder do PSD, que considerou serem xenófobas:

Eu a pensar que só havia uma cabeça rapada em casa do Passos. (Quadros, 2017)

A sua publicação obteve muitas reações, sendo que uma das mais polémicas foi proferida por um candidato do PSD à Câmara de Loures que ameaçou João Quadros com violência física.

Neste caso, entendeu-se que o alvo era a mulher de Passos Coelho, que fez terapia oncológica, quando, segundo o autor, era uma contestação contra as afirmações que foram feitas sobre as leis da emigração. Ou seja, o humor poderá ter a capacidade de denunciar problemas através de uma premissa que não esteja associada à situação o que permite a discussão de assuntos mais polémicos, como um acontecimento que apenas serve para construir a piada, não sendo, assim, esse o alvo.

No entanto, a possibilidade de discussão sobre problemas fraturantes da sociedade perde-se quando a ofensa é vista como mais relevante.

3.2. Humor negro

Se por um lado Mcghee e Goldstein (1983) acreditam que um género de humor mais ácido fornece um momento de desconforto traduzido em liberdade, já Kuipers (1971) defende que as piadas de humor deste género são engraçadas, precisamente, por não obedecerem a certos códigos de ordem social:

They are jokes that simply must not be told (...) they are irreverent about the most serious subjects... (Kuipers, 1971: 139)

Este tipo de humor ocorre em circuitos fechados onde essas piadas são aceitas e apreciadas, pelo que existe uma espécie de “separate «humour space» where there is no such thing as a racist or sexist joke...” (Lockyer; Pickerring, 2005: 143)

Assim, os próprios comediantes não concebem o seu trabalho como algo que possa contribuir para o aumento ou manutenção de estigmas e preconceitos; pelo contrário, a fórmula torna-se simples:

The joker acts, the target suffers, the audience laughs (or not). (Kuipers, 1971:146)

Porém, a autora defende que ao haver um momento cómico derivado da condição de alguém, é como se a própria audiência ignorasse, por momentos, a empatia e o respeito pelos outros. (Kuipers, 1971)

Zijderveld (1983) acrescenta que este humor resulta em diversos públicos precisamente pela noção de perigo ser meramente simbólica, já que a violência do que é dito só existe no campo linguístico.

Aliás, para Ricardo A. Pereira, o riso resulta de “uma malandrice linguística” (citado por Nunes, 2016:158).

Por outro lado, a adversidade existe, sim, no humor negro quando a piada é de fraca qualidade:

Quando uma má piada é feita sobre uma desgraça é péssimo, mais vale estar calado. (Cordes, 2015; 36’42’)

De outra forma, Weems (2014) descarta a ideia de que esta fatia do imenso universo da comédia é uma demonstração de fobia ou preconceito com assuntos como doenças ou racismo. De forma a desculpar o humorista, o cientista afirma que, apesar da natureza cruel destas piadas, a intenção não tem de ser, necessariamente, má:

In fact, to understand the true message in sick jokes, we have to explore the incongruous feelings behind them. When tragedy strikes, we may have many reactions. (Weems, 2014: 57)

José de Pina, humorista e guionista, acredita que não existe humor ofensivo e que Rui Sinel de Cordes é dos poucos humoristas capazes de fazer humor negro pois “a piada tem de ser proporcional ao negrume da situação” (citado por Nunes, 2016:262) e denota que é precisamente na incapacidade de se criar uma segunda leitura da situação que a piada falha.

Porém, José de Pina defende também que o humorista nunca poderá ser totalmente amoral, sendo imperativo ter um sentido apurado do bem e do mal:

O humorista é um sniper, sabe a quem apontar. E é por nós sabermos o que é regra e o que não é, e por termos as noções certas, é que criamos os nossos limites e sabemos construir e desconstruir.
(citado por Nunes, 2016:262)

Por outro lado, para um público diversificado, parece ser necessário que a piada seja realmente bem construída para a audiência não ficar desapontada por um assunto tão sério ter sido abordado e, de seguida, para haver um alívio provocado pelo riso dado o momento de tensão que foi acumulado:

It's not enough that we be shocked or surprised. Our humor must bring us someplace new, emotionally as well as cognitively.
(Weems, 2014: 59)

Joana Marques concorda com esta ideia, referindo a importância de antecipar a consequência da piada, isto é, entender se “a graça é maior do que o sofrimento que vai causar.” (citado por Nunes, 2016:186) Isto é, se correr mal, o nome deste género de humor fica manchado na medida que o riso, como mecanismo de alívio, não surge. Assim, o preconceito com este género de humor cresce.

Por outro lado, partindo do princípio que o humor parte da perceção de algum problema da sociedade que foi normalizado – e, por isso, de um trabalho de desconstrução de costumes, regras, etc. – o humor negro poderá chocar precisamente por ter como alvo assuntos que ainda não foram abolidos ou resolvidos no meio social e, assim, estão longe de serem vistos como normais e, conseqüentemente, não são válidos para construção humorística:

Part of the reason why there are so many kinds of sick jokes is that our minds are confronted with mixed emotions in so many ways. For example, we feel sorry for people with handicaps, but we also want to empower them and treat them as they should be treated. (Weems, 2014: 59)

3.3. Especificidades do humor

A difícil inserção desta forma de expressão num compartimento específico revela uma das muitas particularidades que a define:

(...) humor will never completely belong to great art, high culture or pure beauty: even the highest humor will always be a bit low (...) Good humor always implies some bad taste.(Kuipers, 1971: 248)

Por exemplo, tendo conta que não é possível prever que tipo de piadas serão bem ou mal sucedidas e o facto de existirem diversas variáveis que poderão contribuir para o êxito de uma piada, o humor torna-se numa experiência volátil:

What is funny at one time is not funny at another (...) It can explode in a bright, sensational light or simply fizzle out with only the slightest wisp of smoke. This is what makes it such a fascinating phenomenon. (Lockyer; Pickerring, 2005:9)

Ainda assim, é precisamente no estudo do contexto em que o teor humorístico é produzido que se poderão chegar a algumas conclusões:

The appreciation of the joke is always determined partially by the social situation in which the joke appears. Additionally, the success of the joke is also connected to its content and its subject, and

to the social, cultural, moral boundaries brought to bear in the joke.
(Kuipers, 1971: 247)

Além disso, a ambiguidade torna-se parte essencial do humor negro já que se aproxima, muitas vezes, de algo que poderia ser visto, apenas, como trágico:

An important difference is that tragedy results in pain and sense of guilt, whereas the comic causes pleasure and fades away in laughter. Yet, the boundaries are often very thin. (Zijderveld, 1983: 23)

Sendo o humor uma área invariavelmente subjetiva e abstrata, mais estudos terão de ser conduzidos. Ainda assim, é plausível encará-lo como uma arma de reação contra situações adversas:

Without having a sense of humor to take pleasure in the incongruous or absurd, we might spend our whole lives in a perpetual state of confusion, rather than occasionally transforming those feelings into amusement. (Weems, 2014: 184)

3.3.1. Liberdade artística

Ricardo Araújo Pereira acredita que deveria existir mais liberdade no discurso humorístico uma vez que é um tipo de comunicação que utiliza diversos recursos estilísticos:

Às vezes é muito fácil (...) as pessoas não perceberem a ironia quando é dita, quanto mais quando é escrita (...) é preciso ter outro tipo de sensibilidade. (Pereira, 2017b; 11'50'')

O facto de as piadas poderem ter o potencial de ser vistas como algo literal – quase como se o exercício de ler uma piada fosse comparável à leitura de um poema ou de um

texto de prosa – demonstra, para o mesmo autor, uma certa alienação pela parte de um público que não entende o que é humor:

(...)hoje há uma inclinação para a literalidade que tem tendência para tornar toda a comunicação praticamente impossível.
(citado por Expresso, 2016)

Em muitos casos, “as pessoas hipervalorizam o discurso” (entrevista, Ricardo Couto) o que leva com que a ideia de incitamento a diversas formas de violência surja. Daí surge a urgência da proteção do discurso humorístico, como sugere Ricardo Araújo Pereira:

(...) até deve ter mais [privilégios] porque tem certas características que levam a que esses limites sejam mais elásticos.
(citado por Nunes, 2016:160)

Por exemplo, um humorista foi alvo de ameaças após ter feito uma piada sobre um jogo de futebol, usando uma tragédia como comparação:

Portugal estava a ganhar 2-1 e aos noventa minutos o México empata. Isto no futebol é conhecido como um «balde de água fria» (...) E eu disse: Pá, este balde de água fria convinha mais em Pedrogão (...) Isto no fundo é verdade! Convinha mesmo que caísse um balde gigante de água no meio de Pedrogão porque apagava o fogo (...) recebi ameaças de morte (...) (Mota, 2017)

De outra forma, o mesmo tipo de discurso foi feito num contexto mais sério depois de uma jornalista ter feito o mesmo tipo de analogia num direto:

(...) o que me lixa é que passado dois dias Portugal estava a jogar na Rússia (...) estava a chover lá e a jornalista disse: “este tempo, esta chuva... convinha mais era na área de Pedrogão onde temos visto vários incêndios...” Ela disse a mesma merda! (...)

*Porque de facto só liguei dois acontecimentos, como ela fez (...)
Ameacem-na de morte também. (Mota, 2017)*

Ou seja, a audiência não possui os mecanismos necessários para entender que está perante um discurso humorístico – “quem ouve uma piada não pode levá-la no sentido literal” (entrevista, Hugo Sousa) - onde existe uma espécie de zona livre para pensar e dizer coisas que não deverão ser consideradas sérias:

While laughter is the interruption which brings about a change of outlook, humour ensures an attitude of play and an awareness of the comic potential of the human condition... (Watson, 2014: 417)

O comediante afasta-se da realidade, percecionando-a como se estivesse de fora. Contudo, não está alienado da rede social a que pertence. A par disso, nem tudo o que diz é a sua opinião, como explica Rui Sinel de Cordes:

Quando alguém acredita que eu defendo a violação de mulheres por causa de uma piada essa pessoa é que é desequilibrada, essa pessoa é que não consegue controlar as suas emoções. (citado por Nunes, 2016:62)

Assim, a inclinação para o público entender um discurso humorístico como uma espécie de comunicação séria torna-se num dos problemas do humor atualmente:

No meio das piadas podem dar as suas opiniões [os humoristas] como podem dizer coisas que são totalmente contrárias ao que eles pensam, mas que acreditam ter piada. A maioria do público não percebe isso... (entrevista, Guilherme Duarte)

Desta forma, reforça-se a ideia de que a circunstância específica em que o humor opera determina a sua improbabilidade de ser visto como uma ameaça real:

As mesmas palavras ou imagens podem ser inofensivas num contexto, e fatais noutra. Por isso, temos de olhar para o tempo, o modo, o lugar e o meio de expressão... (Ash, 2017: 109)

3.3.2. Os fatores distância e tempo

A distância emocional que separa a situação observada na piada e o público em si parece ajudar a decidir se a resposta perante esse discurso se traduz ou riso ou não. Da mesma forma, se a situação relembra algo familiar, dificilmente será vista desse prisma, como refere o comediante Mel Brooks:

Tragedy is me cutting my finger; comedy is you falling down a manhole and dying. (citado por Morreall, 1999: 38)

Ou então, necessitará de um distanciamento temporal maior para que a mudança para esse campo seja efetuada com sucesso:

People more easily make jokes at the expense of others than at themselves, by the universal fact that people care more about themselves than about others (...) consequently, another's discomfort, injury, or death, may be laughable, but one's own is less so. (Veatch, 1998: 172)

Isto é, a reação de ofensa é mais natural quando o sujeito sente que é um alvo mas a situação muda quando essa ameaça simbólica é transferida para outra pessoa e, assim, a mudança para o campo cômico acontece.

Por exemplo, Veatch (1998) defende que as feministas não se riem de piadas sexistas precisamente porque essas piadas gozam com princípios que são muito sérios e próximos. Assim, o autor acredita que o humorista terá de possuir um vínculo inferior ao assunto para que consiga criar um momento humorístico através dele:

Similarly, people who laugh at racist jokes, in this theory, do not hold an equally strong affective commitment to the principles of human dignity that are violated in the jokes as those people who find them distasteful. (Veatch, 1998: 172)

No entanto, Herman José dá um exemplo que contraria precisamente essa ideia pois no velório do seu pai fez uma piada que serviu para desbloquear o ambiente e a partir daí a situação tornou-se suportável não só para si, mas para todos os presentes:

(...)é talvez o momento técnico em que eu sinto até que ponto nós usamos o humor como válvula de segurança, da mesma maneira que as panelas de pressão têm um pipo. (citado por Nunes, 2016:102)

Apesar da dificuldade de estabelecer um ponto de partida em que um acontecimento poderá ter potencial cómico, de acordo com Veatch (1998) nunca será exequível perceber-lo no momento em que acontece:

An embarrassing situation is certainly not funny while it is being experienced, because if it cuts so close to home that it makes one feel embarrassment, then it cannot at that time be funny — otherwise the embarrassment could be relieved. (Veatch, 1998: 174)

Aliás, Guilherme Fonseca acredita que a chave para uma boa piada poderá ser, também, o facto de o alvo ser distante:

(...) o maneta ri-se sempre mais de piadas sobre pernetas. (citado por Nunes, 2016:196)

Não obstante, existem casos em que é precisamente a familiaridade com o assunto que leva a que a piada resulte melhor:

This is because they have a vivid understanding of the violation that is occurring in the (described) situation, since they have

experienced that violation in an immediate and personal way.
(Veatch, 1998: 184)

Por exemplo, Rui Sinel de Cordes acredita que é possível criar humor em qualquer situação, independentemente de qualquer condicionante. Nos seus espetáculos é comum incluir piadas sobre o cancro da sua avó ou outras situações que acontecem a ele próprio.

Como justificação, aparece a necessidade que os comediantes têm de explorar as forças que constringem tanto o mundo social como a ele próprio. (Mcghee; Goldstein (1983)

Scott Weems, um neurocientista cognitivo, tentou perceber a razão pela qual é o tempo é um fator tão condicionante para que uma tragédia se transforme – ou simplesmente se torne – em algo que pode ser alvo de comédia:

It turns out that immediacy is a big issue when it comes to humor. As noted earlier, it took seventeen days for Challenger jokes to hit campuses and playgrounds. That comes to about two and a half days of grieving per lost person. By that calculation, more than seven thousand days should pass before anybody laughs about the attacks on the Pentagon and World Trade Center. (Weems, 2014: 60)

O momento ideal para proferir uma piada é um tema que não reúne consenso apesar de ser poder ser, precisamente, essa variante que contribui diretamente para o riso:

The difference between humor and other kinds of information is that humor establishes incongruous relationships (meaning) and presents them to us with a suddenness (timing) that leads us to laugh.
(Rerger, 1976: 113)

No entanto, a expressão *too soon* é comum no seio humorístico; isto é, há públicos e humoristas que acreditam que fazer uma piada sobre uma tragédia que tenha acontecido há pouco tempo (dias, por exemplo) é errado pois o distanciamento temporal ainda não foi feito pelo que o *shift* para a comédia não será bem-sucedido.

Ainda assim, há humoristas que discordam ao defender a piada deverá ser feita o mais cedo possível e exemplifica:

...Tinham muito mais graça nas semanas a seguir [11 de Setembro] do que agora passados anos. A premissa já não tem a mesma energia. Quem diz “demasiado cedo” quando alguém faz uma piada com uma tragédia está a ser hipócrita. (entrevista, Guilherme Duarte)

Da mesma forma, considera-se que a condição temporal é completamente independente do valor da piada na medida que “ainda há pessoal que se ofende com piadas com a morte de Cristo.” (entrevista, Rui Cruz)

Segundo Paulo Almeida, a expressão *too soon* surgiu “pra categorizar algumas piadas negras” (entrevista, Paulo Almeida) apesar de não descartar que seja um fator importante na comédia.

Perante a impossibilidade de determinar a altura em que seria aceite fazer uma piada após um acontecimento trágico, surge a questão:

(...)e quem é a pessoa que regula isso e diz: agora já se pode? (entrevista, Hugo Sousa)

Por outro lado, o papel do “respeito temporal” é desvalorizado já que a fórmula para o riso será, sim, “uma desvalorização do mundo” pois não será “uma piada sobre o 11 de setembro que coloca em causa a dor do mesmo.” (entrevista, Ricardo Couto) Ou seja, parece existir uma terceira forma de distanciamento que permite ao humorista e audiência cobrir com um véu de impunidade social e sobriedade sob qualquer tipo de assunto: o distanciamento pessoal.

Este é independente da proximidade temporal ou espacial e baseia-se num afastamento emocional da situação:

Para teres um olhar cómico do mundo, é como se nunca te envolveses realmente e como se fosses sempre um espectador. Ou seja, numa situação pela qual passas – uma perda ou uma tragédia – há sempre uma parte de ti que está a assistir de fora e que está a gozar com isso. (citado por Nunes, 2016:119)

3.3.3. O papel da ofensa no humor

A ofensa é um tema recorrente no meio humorístico pois é uma reação comum pela parte da audiência:

(...) laughter demonstrates that the laughing person A, finds it normal that a moral principle has been violated. But if another person, B, is emotionally committed to the principle violated (frequently, B's own personal dignity), and cannot see the violation as acceptable, then an unacceptable violation from B's perspective — that is, a case of emotional pain on the part of B — is seen as acceptable by A, and this is communicated from A to B by A's laughter. Thus B understands A as viewing B's emotional pain as acceptable, and therefore B interprets A as being disrespectful. (Veatch, 1998: 176)

Apesar de existir liberdade para os humoristas fazerem o seu trabalho e para a audiência reagir da forma que achar mais correta, parece existir um problema:

As pessoas imaginam que têm um direito diferente: o direito de serem ofendidas. Acham que o mundo tem de ser para elas um sítio seguro o que significa «nenhuma das minhas opiniões vai ser contestada ou posta em causa». Sendo que basta outra pessoa exprimir uma opinião contrária para a pessoa já não se sentir segura. (Pereira, 2017b; 14'37'')

A ofensa parece aumentar com o acesso às redes sociais pois é nesses espaços democratizadores que se facilita a proliferação de opiniões, como explica Paulo Almeida:

Sempre que chego aos 5000 amigos no Facebook, fico com uma dúvida moral sobre quem devo apagar para aceitar pedidos de pessoas que realmente conheço ou fazem questão de me seguir.

Depois faço um post sobre futebol e os gebos que estavam a mais vão embora sem eu ter de fazer absolutamente nada. (Paulo Almeida, 2017, post de Facebook apagado)

Ciente de que o humor “vai sempre ofender alguém”, (citado por Nunes, 2016:303) Bruno Nogueira escolhe não pensar nessa consequência até porque, segundo Paulo Almeida, daí advém o “bloqueio artístico” (entrevista, Paulo Almeida) que impossibilita o seu trabalho.

Lockyer e Pickerring (2005) questionam se existe legitimidade para o sentimento de ofensa surgir perante um discurso humorístico, considerando que é contra produtivo pois a situação cômica existe, muitas vezes, para sublinhar um problema maior que merecerá, sim, ser alvo de ofensa:

Dizes uma piada(...) ‘o preto’ e o alvo nem é «o preto», é outra coisa qualquer mas há pessoal que, só de ver lá a palavra ‘preto’ [reage]: “Estás a dizer preto, estás a ser racista” e isso é que me irrita (...) e às vezes começo a banir pessoal que não percebe as piadas. (Hugo Sousa, 2016; 38’26’’)

Por outro lado, a impossibilidade de definir o que poderá ou não ofender limita a resolução do problema que poderá ser transversal a qualquer tema, como refere Joana Marques:

Escrevi qualquer coisa sobre o LIDL (...) Houve logo gente a dizer que o LIDL devia processar-me... (citado por Nunes, 2016:185)

Mais uma vez, o inerente desafio de separação ou transição de um discurso sério para um humorístico poderá ser uma das razões para a ofensa surgir em vez do riso. Segundo Lockyer e Pickerring (2005), tal revela falta de sentido de humor pois não existem os mecanismos que suportem a diferenciação entre o universo normal – visto como sério – e o universo anedótico.

A dificuldade está em fazer perceber, também, que as palavras não significam nem implicam, necessariamente, ações e muito menos ameaças:

A resposta a palavras más não é acabar com a sua expressão e prender quem as profere. A resposta correcta é mais palavras.
(Hume, 2016: 40)

Posta esta conjuntura atual, surge a necessidade de estimar o direito a ofender o que engloba a liberdade de questionar qualquer assunto, inclusive o extremismo sob qualquer forma. Paralelamente, a própria audiência terá de entender que está a ser levada ao limite por um propósito maior: o de fazer rir.

Existem certos fatores que poderão contribuir para a ofensa, como a proximidade com o tema:

Jokes about religion are very quickly shocking but they become offensive only when someone in the neighborhood feels offended. (Kuipers, 1971: 141)

Por outro lado, a forma como é recebida a piada (mais concretamente em humor negro) ajuda a decidir se será vista como ofensiva:

...offensive humor is approached first from a moral – and thus not a humorous – point of view. As a consequence, ethnic, sick and other offensive humor is practically invisible in the public domain. (Kuipers, 1971: 168)

Neste campo parece ser necessário partir do pressuposto de que o humorista não procura difamar até porque a ofensa entra “no campo subjetivo da emoção e sentimentos” pelo que “não poderá existir forma de a medir ou culpabilizar”. (Ash, 2017:110) É meramente um efeito possível do seu trabalho mas nunca um fim do mesmo. Posto isto, existe livre-arbítrio para a piada ser recebida dessa forma negativa o que não significa que não existam consequências diretas e/ou legais no trabalho do humorista.

Por exemplo, o humorista Salvador Martinha já sentiu as repercussões da ofensa depois de ter feito uma piada:

(...) ligou aqui para a rádio uma senhora das Finanças, porque as pessoas das Finanças são agredidas verbalmente e tu incentivaste isso (...) fui a uma terrinha perto da Guarda e fiz um raciocínio com a falta de caixas de multibanco (...) caiu-me a aldeia em cima a dizer que Meda tinha três multibancos. (citado por Nunes, 2016:244)

Mesmo que uma piada falhe (não cause divertimento), terá o direito de ser proferida pelo que tentativas de banir e denunciar o trabalho de comediantes poderá contribuir para uma homogeneização do humor e para o declínio da liberdade expressiva:

A maior vítima não é quem fica ofendido, mas os outros, todos nós, a quem é retirada a oportunidade de participar numa discussão de cabeça aberta e num debate livre que nos ofereçam a melhor oportunidade de chegar à verdade e decidir o nosso caminho quanto aos temas controversos. (Hume, 2016: 197)

Por exemplo, Diogo Faro foi interrompido no lançamento do seu livro a propósito de uma crónica sobre trissomia 21 que ofendeu alguns membros do público. O comediante explicou que “é uma crónica que satiriza situações (...) Muitas pessoas fizeram questão de interpretar isto como uma ofensa gratuita às pessoas com trissomia 21. É relativamente fácil (provavelmente, não o suficiente) perceber qual é o foco daquele parágrafo...” (Faro, 2016)

3.4. O poder do humor

Herman José afirma que o humor é um exercício de poder comparável ao papel do bobo da corte na medida que “pode ser um poder muito forte até ao dia em que o rei ordena que lhe cortem a cabeça.” (citado por Nunes, 2016:94)

Esta personagem possuía autorização para dizer seja o que for “sob a forma de escárnio que a torna menos ofensiva” (Balandier, 1999: 45) pelo que o seu poder se

limitava, também, pelo seu discurso. Assim, nada do que dizia era ameaçador devido à proteção de códigos linguísticos tais como o exagero e a ironia.

Ao ser um “conversor da desordem por via da teatralização ritual” (Balandier, 1999: 50) contribuía para a manutenção da ordem social.

É com base nessa ideia que se crê que o humor poderá capacitar o lado mais sério do poder:

...rebellious humour – or humour that is claimed and experienced as rebellious – can have conservative and disciplinary functions. Far from subverting the serious world of power, the humour can strengthen it. (Billig, 2005: 212)

Isto é, a existência do humor equilibra o vigor de figuras do poder pois faz com que seja aceitável que a audiência se ria de algo que se encontra hierarquicamente acima. Assim, a força de revolta que poderia existir nesse público diminui porque a tensão foi libertada precisamente no riso.

Por exemplo, diversas figuras públicas, dos Estados Unidos da América, uma vez por ano, são “submetidas a um jogo de escárnio que os torna ridículos, mas à porta semi fechada”. (Balandier, 1999: 45).

Assim, a relação paradoxal entre estas figuras históricas poderá significar, no humor, que o alvo é extraordinariamente poderoso pois permitiu que o comediante o usasse, como motor de uma construção humorística.

Por outro lado, nega-se o poder do humor como algo visível, mensurável ou material ao considerar que “faz parte daquele grupo de coisas muito importantes que não servem para nada.” (Pereira, 2016).

Por outro lado, o poder do humor pode ser visto como negativo pois “reflete preconceitos” e tem um papel ativo “na construção da inferiorização de grupos sociais.” (Lockyer, Sharon; Pickerring, Michael (2005). Desta forma, os autores consideram que as piadas poderiam ter a mesma eficácia de detetor de problemas sociais sem a necessidade de usar ferramentas como o estereótipo ou a generalização.

Por exemplo, muitas vezes depreende-se que os alvos de humor negro são crianças (quando na realidade é a existência de pedofilia) ou doentes de cancro (quando na realidade serve para aliviar a tensão de algo que naturalmente é infeliz).

Tendo em conta que o papel do humorista passa, também, por desconstruir realidades negativas que ainda não foram abolidas – pedofilia, por exemplo – o alvo passa a ser a situação em si e não os agentes que já passaram por uma situação semelhante. Ou seja, o humor poderá, até, servir como forma de alertar para a existência e quase normalização de problemas sociais; tal como acontece em diversas formas de artes. Isto é, partindo do pressuposto que a única consequência desejável pelo humorista é o riso - que poderá ser mensurável em duas hipóteses: rir ou não rir - o discurso do comediante não poderá ser visto como propaganda de estigmas ou de outras questões socialmente inaceitáveis como a referida em cima.

Da mesma forma, a sensibilidade de denunciar o que está errado na sociedade diminuiria se discursos, como os usados no humor negro, não existissem pois significaria que o humorista, neste caso, deixou de ter a capacidade de observar criticamente o ambiente que o rodeia.

Nos dias de hoje, a figura do bobo de corte está simbolizada no comediante que possui o poder de denunciar os males da sociedade – “um insulto tu esqueces num ano, uma boa piada é para a vida toda” (Quadros, 2017; 1h21’50”) sem “risco de desintegração social” (Balandier, 1999: 46) ou, aparentemente, sem consequências legais que o deixem à margem da sociedade.

3.5. O significado atual da liberdade de expressão

O crime ocorrido no jornal *Charlie Hebdo*, em Janeiro de 2015, representou um golpe contra a independência da imprensa e da expressão, evidenciando-se a necessidade de discutir o significado e o custo da liberdade. Se por um lado se defendia o seu valor, por outro lado criavam-se barreiras para o exercício da mesma:

(...) muitos expressavam desprezo pela real liberdade de expressão que permite a simples existência de publicações tão provocadoras. (Hume, 2016:14)

Em defesa de liberdade de expressão absoluta, surge a ideia de que “os meios de comunicação social têm de ser livres de tomar as suas opções editoriais acerca do que publicam – tal como os outros são livres de avaliar essas decisões.” (Hume, 2016:29).

De acordo com o mesmo autor, a liberdade de expressão constitui “o factor mais determinante para a criação e sustentação de uma sociedade civilizada” (Hume, 2016:33) apesar do discurso atual criar obstáculos para a segurança deste direito:

(...) passamos muito mais tempo a discutir formas de restringir e ilegalizar alguns tipos de discurso do que a defender e a alargar essa preciosa liberdade. (Hume, 2016: 23)

É precisamente na problemática de restrição de livre-arbítrio que Ricardo Araújo Pereira exemplifica o caso humorístico:

As pessoas como acham que têm o direito a não serem ofendidas querem mais do que responder a uma ofensa com uma ofensa. Querem responder à ofensa dizendo: Tira isto. E então escrevem para a plataforma onde ele escreveu aquilo ou tentam, junto dos sítios onde ele trabalha, acabar-lhe com o sustento, acabar com o modo de vida dele... (Pereira, 2017b; 15’29’’)

Aliás, existem, atualmente, situações em que “as pessoas podem ser despedidas, censuradas ou repreendidas por dizerem a palavra errada” o que pode “tornar pessoas cautelosas e restringir ainda mais as conversas que se têm” (Hume, 2016: 228) o que se torna incongruente pois “até a mais íntima liberdade de pensamento não pode ser inteiramente separada da liberdade de expressão.” (Ash, 2017:93)

A questão que poderá explicar estes acontecimentos prende-se com uma falsa perceção do que é a liberdade de expressão:

Não percebem que só têm o direito de lhes chamar o nome que ele provavelmente merece porque existe liberdade de expressão. Elas não percebem que, estando a tentar calar outra pessoa, estão na prática a tentar calar a si mesmas... (Pereira, 2017b; 16’06’’)

Ou seja, os indivíduos não entendem que só gozam de liberdade para contestar contra um certo trabalho de um humorista precisamente porque têm o direito a usufruir desse livre-arbítrio:

Um “problema prático da «ego-expressão» é que, quando restringimos os direitos da liberdade de expressão de quem odiamos, enfraquecemos os nossos próprios direitos (...) negamos a todos o direito de ouvir e de argumentar, de testar a verdade. (Hume, 2016: 37)

Considerando que se vivem tempos conturbados na esfera da liberdade Hume (2016) vê a solução no incentivo à discussão. Ainda assim, tendo em conta a conjuntura social atual, acredita que o desamparo ao livre-arbítrio seria uma consequência inevitável:

O apoio à liberdade de expressão floresce nos momentos históricos em que a humanidade avança e está cheia de confiança em si mesma; murcha em tempos de medo e misantropia. (Hume, 2016:297)

Segundo Timonthy Garton Ash (2017) é na junção de organismos internacionais, Estados-nação, poderes privados e redes de indivíduos que a liberdade de expressão subsiste; isto é, não é desejável concentrar tanta responsabilidade, somente, no Estado quando existem outros organismos capazes de defender este direito – parte, além de organizações não reguladas pelo Estado, de cada indivíduo.

Porém, as reivindicações de restrição de liberdade de expressão “reflectem o pressuposto de que os adultos precisam de ser tratados como crianças vulneráveis” (Hume, 2016: 284) e Ash (2017) deixa claro que o objetivo não é encontrar uma opinião unânime mas sim permitir espaço para a discussão.

Assim, procura-se acordar sob a forma natural como as discórdias surgem dado que irão sempre existir “num mundo interligado, repleto de poderes em competições e de conflitos florescentes.” (Ash, 2017: 38).

3.5.1. Autocensura

Para Herman José, são raros os casos de humoristas dispostos a perder a sua reputação ou trabalho por uma piada pelo que é recorrente testemunhar casos de autocensura:

Dar-te-ia uma longa lista de colegas do humor que nunca se atreveriam a dizer piadas sobre as empresas que os patrocinam, as pessoas não querem perder os seus tachos. Há imensos casos de autocensura deste género que depois passam incólumes no meio dos pingos da chuva. (citado por Nunes, 2016:97)

Contrariamente, há quem negue a existência de censura apesar de considerar que há “uma espécie de purga social a quem não segue os parâmetros destes militares do politicamente correcto”. (entrevista, Rui Cruz)

Por outro lado, há quem afirme que ela exista devido às consequências de um livre-arbítrio total na arte humorística:

O principal fator diz respeito às ameaças e aos insultos e o não estar preparado ou ter paciência para lidar com isso. (entrevista, Hugo Sousa)

De outra forma, Rui Sinel de Cordes sente a censura pelo lado da audiência que “tem vergonha de rir ao pé daquelas que não acham piada que não estão a achar graça” e confirma que “é um fenómeno que acontece com frequência.” (citado por Nunes, 2016:70, 71)

Apesar de ser contra qualquer forma de censura, o próprio humorista apagou a sua conta do *Facebook* precisamente pelo público que não estima o seu estilo humorístico condenar os seus seguidores:

Dezenas de pessoas enviaram-me mensagens a dizer que estavam a receber ameaças por gostarem [de uma piada no facebook] e foi aí que eu tive de parar tudo. (Cordes, 2016; 36’23’’)

Guilherme Duarte acredita que existe autocensura precisamente pelo “medo de perder público, marcas e trabalho.” (entrevista, Guilherme Duarte) Ou seja, os comediantes ficam tentados a comprometer a liberdade integral humorística por outras oportunidades de trabalho.

Da mesma forma, Paulo Almeida vê na pressão por parte do público (e de marcas ou patrocínios) a justificação para a censura da arte humorística apesar de negar que tal acontece consigo.

Mais uma vez, Ricardo Couto constata que hipótese da sua existência será causada “pelo medo da reação que pode causar” e não propriamente “pelo ato estético que proferirá.” (entrevista, Ricardo Couto)

Desta forma, conclui-se que poderá existir autocensura por antecipação (consciente ou não) de efeitos que o trabalho poderia ter a nível de perda de patrocínios ou colaborações com marcas ou de público e seguidores.

Assim, acaba por ser uma decisão tomada em prol do sustento financeiro do humorista e de uma relação saudável com fontes externas por muito que tal implique ir contra o seu estilo humorístico ou modificar alguma piada.

3.5.2. O papel do politicamente correto

O politicamente correto surgiu como um mecanismo da linguagem, de modo a torna-la mais neutra e livre de discriminação contra grupos. O seu objetivo inicial era, assim, de defesa de minorias.

No entanto, atualmente parece servir outros propósitos:

Tudo é deturpado e já nada tem peso (...) não é por dizeres «mariquinhas» a uma pessoa que és homofóbico (...) todo este tipo de ruído afasta-te do que realmente importa.... (Nogueira, 2017; 20'35'')

Hoje em dia, aliada ao avanço tecnológico e às plataformas virtuais sociais, o politicamente correto assume um papel diferente ao justificar qualquer intervenção contra discursos que poderão magoar alguém emocionalmente. A incessante procura por discursos deste género acaba por denunciar preconceitos pela parte de quem acusa

humoristas de intolerância com certos assuntos. Isto é, esmiúçam qualquer discurso com o objetivo de encontrar algum erro. Essa desconstrução do texto anula o seu potencial valor humorístico:

Estou um bocado farto de falar do politicamente correcto e de virgens ofendidas 2.0. É um assunto do qual nem se devia falar, porque os bastiões da moral e dos bons costumes das redes sociais são como os trolls e alimentam-se da importância que se lhes dá. Acho bem que estas pessoas estejam motivadas a acabar com as desigualdades e com o preconceito. A sério que sim. Acho que fazem falta, mas o problema é que têm a mira desalinhada. (Duarte, 2016)

Com isto, Ricardo Araújo Pereira considera que o politicamente correto é “uma estratégia de controlo da linguagem” que acaba por “reivindicar uma espécie de intervenção que faz com que haja uma evolução moral nas pessoas.” (Pereira, 2017b;19’34’’))

Assim, conduziu a uma pressão sociocultural que leva ao receio de expressão de opiniões contrárias. Isto é, o medo de ofender cria entraves no exercício da liberdade de expressão e no universo humorístico:

There’s a black feller... a Pakistani... and a Jew... in a nightclub... having a drink... What a fine example of an integrated community.” (Lockyer; Pickerring, 2005: 13)

Se por um lado, antes “as queixas eram sobre comédia blasfema e indecente, e os censores eram políticos, conservadores, polícias e padres” agora são os “activistas radicais da internet, meios de comunicação liberais e até (...) comediantes” (Hume, 2016: 158) que impõem o fim do livre-arbítrio na comédia quando se abordam assuntos relacionados com o racismo e homofobia, por exemplo.

Perante este panorama, Ash (2017) questiona se a natureza afetiva dos humanos poderá dificultar o percurso da liberdade de expressão integral apesar de acreditar que ela só surgirá com uma discussão aberta.

Ultimamente, a noção do politicamente correto tem florescido pois é vista como essencial para a manutenção de direitos, um deles relacionado com o humor:

O direito à protecção contra palavras e imagens ofensivas e odiosas... (Hume, 2016:59)

Ou seja, deseja-se o policiamento da liberdade de expressão devido às consequências que poderão derivar de algo que foi visto, lido, ouvido, etc. como se a sensação de ofensa fosse “ a única norma para distinguir algo que possa ser proferido...”(Hume, 2016: 60)

Assim, a procura pela linguagem correta leva à autocensura e a “pedidos de desculpa em vez de clareza por via da argumentação” (Hume, 2016:282) o que faz com que os indivíduos percam mais tempo a construir uma mensagem politicamente correta do que a transmitir a ideia desejada.

De acordo com o mesmo autor, esta situação levou a “uma atmosfera asfixiante de conformismo e intolerância em que qualquer humor que ultrapasse os limites tem de ser, além de ignorado, silenciado” (Hume, 2016:164).

No entanto, acredita que também resultou numa geração de comediantes que procuram apenas ofender, sem qualquer tipo de mensagem humorística como fim.

Por exemplo, defende-se que “ninguém é politicamente incorrecto (...) ao fazer piadas sobre vítimas” apesar de estar ciente de que o humor negro procura, essencialmente, “provocar uma reacção”. Com isto, assume que só alguns comediantes é que conseguem “ a proeza de fazer rir e de mudar o mundo ao mesmo tempo.” (Markl, 2016)

3.5.3. Sobre o discurso de limites

Segundo Markl, o humor só terá limites se não tiver piada ou interesse. De resto, tudo é possível. Ou seja, o limite é o resultado em si pois se não fizer rir não será merecedor desse estatuto e, assim, de gozar dessa liberdade.

De outra forma, se o humor é visto como uma forma de arte, a tentativa de o limitar é inexequível para Rui Sinel de Cordes:

Nem todos os escritores escrevem sobre a eutanásia, mas imagina que há um que quer lançar um livro sobre esse tema. Também pode magoar quem o ler. E deixa de poder escrevê-lo porque pode ferir suscetibilidades? (citado por Nunes, 2016:85)

Por um lado, surge a ideia de que para se defenderem minorias é necessário delimitar certos discursos que possam ser considerados racistas, homofóbicas, antissemitas, entre outros. Por outro lado, os humoristas argumentam que só através da liberdade integral do discurso é que será possível imaginar um futuro onde não existirá a necessidade de proteger minorias através da restrição da comunicação humorística:

Não percebem que a minha liberdade para fazer piadas sobre o cancro é a mesma que a liberdade deles para fazer piadas sobre capas de CD ou o trânsito. E, um dia, há um gajo que se ofende por causa de uma graça relacionada com o trânsito, só porque bateu com o carro, e depois? (citado por Nunes, 2016:59)

Não obstante, de acordo com Lockye e Pickerring (2005) não será o título de humorista que permitirá que o individuo viva à margem das regras da sociedade pelo que a necessidade de tomar responsabilidades pelo que é dito e feito, mesmo no meio humorístico, é a mesma que acontece em qualquer outro campo.

Perante os discursos sobre a limitação do humor, o advogado Francisco Teixeira da Mota denota que essas afirmações visam “diminuir o espaço da liberdade de expressão em geral e dos humoristas em particular mas não creio que tal discurso tenha inibido muita gente.” (entrevista, Francisco T. Mota)

Ainda assim, o cerne da questão foca-se na legitimidade, ou não, que alguém poderá ter para “negar ao artista ofensivo o direito de falar, exigindo que ele seja silenciado.” (Hume, 2016: 161).

Relativamente a esta situação, opina-se que “a liberdade de expressão e do humor nunca poderão é ser limitados pela sensibilidade pessoal de cada um.” (entrevista, Guilherme Duarte). Isto é, a liberdade para criticar o espetáculo de um comediante deveria ser a mesma liberdade que ele goza para criar o seu conteúdo humorístico:

Poder dizer é um direito absoluto. (entrevista, Ricardo Couto)

O limite será marcado, então, a partir do momento que existe interferência na atividade do comediante de modo a tentar o seu fim:

Viver em democracia significa que dizer seja o que for não envolve coragem (...) uma pessoa pode ter a profissão que eu tenho, não sendo preciso ser um «valentaço» (...) essa é a grande vantagem. (Pereira, 2017a)

3.6. Regulação do humor

Perante uma possível hipótese de regulação do humor, Hugo Sousa considera que essa ideia teria, precisamente, o efeito contrário pois considera que a fiscalização do humor só poderia ter como consequências uma total anarquia e proliferação do discurso humorístico como arma para reagir contra esse autoritarismo.

Por exemplo, Ash (2017) argumenta que atualmente já existe demasiada regulamentação do discurso por lei o que considera que leva à ineptidão dos cidadãos conviverem com a diversidade de opiniões.

É precisamente no “paternalismo legal” (Ash, 2017: 107) que o cidadão que considere que foi alvo de calúnia ou difamação pode encontrar justiça. Ainda assim, o mesmo autor atenta que, perante um caso de regulação da comédia, o Estado estaria a usar a lei “para impôr a ordem que considera correcta” o que denomina de “moralismo legal”. (Ash, 2017: 107).

Todos os humoristas negam qualquer benefício de uma possível regulação do humor, alegando que “não faz qualquer tipo de sentido (...) assim com não faz sentido regular o teatro ou o cinema” (entrevista, Ricardo Couto) porque essa lógica levaria à necessidade de regular todas as formas de arte.

Dessa forma, o limite vai-se criando de acordo com a circunstância:

É ridícula a ideia de pensar que poderia haver um limite imposto por uma entidade que definia [o limite]. Eu tenho o meu, cada um teu o seu (...) não são regras escritas (...) depende do ângulo...
(Marques, 2017; 27'53'')

De acordo com o humorista Guilherme Duarte, “ir para tribunal porque se ficou com os sentimentos feridos é de quem não tem nada que fazer” (entrevista, Guilherme Duarte) apesar de ser necessário perceber que a criação de limites na liberdade surgiu para pôr fim a situações de calúnia, por exemplo.

Francisco Teixeira da Mota, advogado que procura alargar os limites da liberdade de expressão em Portugal, crê que a comédia não necessita de regulação pois “a liberdade de expressão como direito que é tem de conviver com outros direitos pelo que já está regulado.” (entrevista, Francisco T. Mota)

3.6.1. Ação dos tribunais em relação à liberdade de expressão no humor

Nos Estados Unidos da América existem dois princípios fundamentais da lei da liberdade de expressão que declaram que o governo jamais delimitará a expressão porque alguém se sente ressentido e que a imposição de restrições só é tolerável caso seja imprescindível para prevenir males iminentes:

A Primeira Emenda da Constituição define um compromisso bem mais claro para com a liberdade de expressão, declarando com ousadia que «o Congresso não criará nenhuma lei [...] que cerceie a liberdade de expressão ou de imprensa.» (Hume, 2016: 51)

Em Portugal, Guilherme Duarte conta que “já se levaram casos ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem por uma piada que caiu mal a alguém” o que não teve consequências legais pois “os juízes disseram que a liberdade de expressão era sagrada.” (entrevista, Guilherme Duarte) Ou seja, o poder de decisão cabe aos tribunais e Paulo Almeida relembra que “existe um histórico de muitas poucas condenações relacionadas com «abuso de liberdade de expressão».” (entrevista, Paulo Almeida).

Por exemplo, Manuel Luís Goucha, apresentador de televisão, fez queixa de um programa de televisão de entretenimento da RTP e conseguiu que o caso chegasse ao Tribunal Europeu. Em causa estava um *sketch* de humor que incluía o próprio. Acabou por perder o caso pois o tribunal considerou que a sátira é apenas “uma forma de expressão artística e comentário social.” (Nunes, 2017:18).

Contudo, os comediantes não deixam de concordar com a existência desse mecanismo legal e Rui Cruz realça que tem funcionado. Contrariamente, Ricardo Couto recorda que “Portugal foi corrigido por instâncias judiciais europeias em matéria de liberdade de expressão várias vezes” o que justifica pela “cultura conservadora no espaço mediático.” (entrevista, Ricardo Couto).

Todavia, a regra base é compreender se “as palavras empregues são empregues em circunstâncias tais ou são de natureza tal que criem um perigo claro” (Hume, 2016: 175) pelo que a análise contextual da situação é fulcral.

Assim, o mesmo autor considera que o humor terá de ser visto de outra perspetiva pois “um comediante que incita o público a rir das suas piadas” (Hume, 2016:185) não representará uma ameaça pois o que é dito só pode ser julgado dentro do contexto em que é proferido, ou seja, o humorístico.

Em Portugal, estes casos são vistos de duas formas díspares pelo que as consequências resultarão da leitura dada ao caso em específico:

Nos nossos tribunais há duas escolas de pensamento e de decisões: uma, tradicionalista e conservadora, desconfiada em relação à imprensa e às liberdades em geral e que privilegia a defesa da honra e bom nome, e outra mais moderna que acredita na importância estrutural e estruturante da liberdade de expressão...
(entrevista, Francisco T. Mota)

Em todo o caso, Hume (2016) reforça que, em casos de trocas de palavras, a opção pela criminalização deve ser muito bem estudada.

3.7. Charlie Hebdo – opinião e consequências

Francisco Teixeira da Mota considera que o atentado em Charlie Hebdo foi um momento de “reafirmação mundial da liberdade de expressão”. (entrevista, Francisco T. Mota)

Posto isto, muitas vozes se ergueram para comentar o ataque, como o editor de política do *Huffington Post* (UK) que anunciou que o humor terá sempre limitações “por questões de lei e ordem (...) ou por questões de gosto e decência” e, por isso, “não devem ser ultrapassados.” (Hume, 2016: 53)

Paralelamente, as próprias declarações do Papa agitaram o universo humorístico:

Uma semana depois (...) o Papa fez umas declarações dizendo: “Epá isto não, não...mas...” (...) A pessoas como eu que acham que é impensável responder a um desenho com um tiro na nuca... isto causa alguma perplexidade... (Pereira, 2017b; 25’38’’)

Consequentemente, observa-se que “reconhecer que a obra daqueles corajosos cartoonistas, quer a consideramos perspicaz ou infantil, não chega”. (Hume, 2016: 30).

Assim, atenta-se que o mais importante é “defender aquilo que certa vez o Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América descreveu como a «liberdade para as ideias que odiamos».” (Hume, 2016: 30).

Por outro lado, Ricardo Araújo Pereira observa que “a maior parte das pessoas não percebe o conceito de liberdade de expressão” (2017) que, para si, passa pela defesa incondicional desse direito:

(...) não é concordar com um determinado tipo de humor, não é ter sentido de humor (...) mas é defender a todo o custo que eles tenham a liberdade de os publicar. (citado por Nunes, 2016:80)

Da mesma forma, descarta-se a opinião do valor da revista *Charlie Hebdo* como algo relevante pois a discussão deveria centrar-se noutros pontos:

Quase ninguém percebeu que ser Charlie não era gostar-se das caricaturas, mas sim reconhecer-lhes toda a liberdade de desenharem o que quisessem. (entrevista, Guilherme Duarte)

No quadro humorístico, o atentado relevou a necessidade de uma discussão sobre o valor da liberdade de expressão pois acabou por denunciar as suas fragilidades:

Vi acima de tudo muita hipocrisia. A maioria das pessoas que andou a meter #jesuischarlie em tudo são as mesmas que dizem que com coisas sérias não se brinca. (entrevista, Rui Cruz)

Paulo Almeida relembra que “quase 100% das pessoas que falaram publicamente nisso, colocaram fotos de perfil nas suas redes sociais com a expressão “Je Suis Charlie”, e disseram coisas como “os humoristas devem poder dizer seja o que for sem medo de represálias”. (entrevista, Paulo Almeida).

No entanto, a discussão sobre o politicamente correto surgiu mais tarde o que fez com que a opinião passasse para a esfera contrária: a da defesa de limites no humor.

Para Hugo Sousa, o ataque evidenciou “os ofendidinhos que depois do atentado apareceram a defender a liberdade de expressão quando, muitas vezes, foram os primeiros a criticar piadas que eram apenas piadas.” (entrevista, Hugo Sousa).

Sobre possíveis efeitos na comédia, Guilherme Duarte comenta que “podia ter sido importante para a liberdade de expressão, mas não foi” e os restantes colegas negam ter sentido alguma diferença após o atentado. (entrevista, Guilherme Duarte).

Ainda assim, Ricardo Couto acredita que o acontecimento colocou ênfase na “importância da liberdade de expressão para o trabalho artístico” (entrevista, Ricardo Couto) apesar de sublinhar que em Portugal talvez não se tenha sentido esses resultados precisamente pela distância da situação em específico.

A nível legal, Francisco Teixeira da Mota assegura que é cedo para compreender se “teve efeitos intimidatórios.” (entrevista, Francisco T. Mota).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi este mesmo instinto que me fez – e talvez por causa da própria ciência, mas uma ciência diferente da actual, uma ciência última – dar mais valor à liberdade do que a qualquer outra coisa. Liberdade! Decerto que a liberdade que hoje em dia é possível é algo de miserável. Mas não deixa de ser liberdade, não deixa de ser um bem que se possui.

(Kafka, 1991: 123)

Ao longo do tempo, o humor sofreu alterações quanto ao meio onde opera mas os fundamentos que o caracterizam não tiveram mudanças significativas e as dinâmicas que a constroem são encaradas, precisamente, como arma de resistência.

Podemos concluir dizendo que a transgressão adquire impulso precisamente pela imposição de limites pelo que esta incongruência sustenta a própria base do humor. Por exemplo, a circunstância adversa que é vivida atualmente, em termos de restrição de livre-arbítrio, segundo a maioria dos entrevistados, possui, acima de tudo, potencial cómico pelo que a própria forma de refutar o que consideram estar errado será, invariavelmente, através da arma humorística.

Assim, a conjuntura atual do panorama de liberdade de expressão e da sua relação com o humor não faz com que os humoristas queiram correr menos riscos.

Por exemplo, mesmo sabendo que existe a possibilidade de verem as suas páginas bloqueadas e espetáculos cancelados, poucos admitem autolimitar o seu trabalho.

Em termos de código jurídico, já existem leis que defendem indivíduos que considerem ser lesados (através de discursos que podem fazer uso de uma estratégia humorística) por calúnia, por exemplo. Contudo, não é possível sinalizar uma distinção clara entre palavras ofensivas e ofensas criminais sendo que cada caso é analisado tendo em conta a circunstância específica em que aconteceu.

A própria ideia de luta contra estigmas sociais e, ao mesmo tempo, entender o valor do humor dito negro nesse contexto pode parecer ilógica mas poderá ser, precisamente, na abertura do universo mais negro que o cómico pode criar uma ligação

direta com o seu público, permitindo que ele trabalhe situações e histórias que acabam por ser comuns mas que são abafadas pelo politicamente correto.

Acontece que a pormenorizada atenção ao discurso que é proferido faz com que este seja totalmente desconstruído e retirado do seu contexto. Assim, o risco de acusações de discriminação, por exemplo, associado à partilha de opiniões em redes sociais, é um risco cada vez maior.

Nenhuma investigação é exaustiva ou está alguma vez completa. Idealmente, seria necessário dispor de bastante mais tempo do que o previsto para a realização de uma dissertação de mestrado para explorar e aprofundar a compreensão de realidades que são tema da minha investigação. Acredito, também, que nos próximos tempos, uma grande quantidade de material para novas investigações estará disponível dado o carácter inerentemente contemporâneo do tema e o número de controvérsias a que está submetido.

A inerente complexidade de tópicos relacionados com a liberdade de expressão e o caminho que esta tem feito lado a lado com os díspares contextos sociais em que se molda fazem com que haja a permanente necessidade de a examinar.

Mais especificamente, acredito que nos momentos mais conturbados ela merece ser alvo de discussão pois a sua relevância é sentida quando está sob ameaça.

Assim, prevejo que a problemática do vínculo do humor com o livre arbítrio sofrerá mutações constantes, sendo um alvo fácil de culpabilização para situações em que, pela falta de uma justificação plausível, o valor da comédia é facilmente subestimado.

Não obstante, e tendo como a liberdade de expressão a sua intrínseca base de sustentação, o humor transgressor terá sempre um lugar na sociedade e um público que o acolhe, independentemente da conjuntura específica que se vive.

Ciente desta realidade, contemplo uma escassez de trabalhos que examinem outras perspetivas tendo os próprios criativos desta área como responsáveis pela continuação de uma forma de cultura muito própria pelo que considero que a subjetividade e difícil inclusão do tema num campo de estudo servirão, até, de estímulo para próximas pesquisas.

Desta forma, sugiro aos investigadores da área que explorem o valor do humor como elemento cultural transversal a todos os indivíduos e as relações de força que ele desencadeia entre os demais campos socioculturais, sempre tendo em conta o espaço e tempo em que ocorre.

O humor pode ser uma arma poderosa, capaz de resultados difíceis de medir e tão utópicos de momento: aproximar; fazer-nos perceber que somos feitos da mesma massa

e, ao mesmo tempo, celebrar as diferenças com aquilo que nos desarma e põe o ego no canto. O humor é um pensamento subconsciente que fala na vez do medo. Tem a capacidade de retirar do pedestal assuntos intocáveis que lhes conferem um poder falso.

A liberdade que eu tenho para me rir é a mesma que existe para a possibilidade de condenarem o meu riso. E, sim, ambas podem coexistir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ash, G, T. (2017) *Liberdade de expressão*. Lisboa, Circulo de Leitores.
- Bakhtin, M. (1984) *Rabelais and his world*. Indiana, Indiana University Press.
- Balandier, G. (1999) *O Poder em Cena*. Coimbra, Minerva.
- Bardin, L. (2007) *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- Bardon, A. (2005) *The Philosophy of Humor*. In Charney, Maurice (Ed.) *Comedy: A geographic and historical guide*. Connecticut: Praeger.
- Bento, A. (2012) *Investigação quantitativo e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade?* *Revista JA*, VII (64). 40-43.
- Bergson, H. (1914) *Laughter – an Essay on the Meaning of the Comic*. New York, The Macmillan Company.
- Billig, M. (2005) *Laughter and Ridicule - Towards a Social Critique of Humour*. London, Nottingham Trent University.
- Bourdieu, P. (1984) *Distinction*. Cambridge, Harvard University Press.
- Chovanec, J.; Ermida, I. (2012) *Language and Humor in the media*. Newcastle, Cambridge Scholars.
- Dascal, M. (1985) Language use in dreams and jokes: sociopragmatics vs. psychopragmatics. *Language and Communication*, 5 (2), 95-106.
- Dicionário Essencial – Língua Portuguesa* (2001) Porto, Porto Editora.
- Douglas, M. (1968) The social control of cognition: Some factors in joke perception. *Man* 3, 361–376.
- Duarte, G. (2015) *Por falar noutra coisa*. Lisboa, Marcador Editora.
- Faro, D. (2016) *Somos todos idiotas*. Lisboa, A Esfera dos Livros.
- Fine, A; Soucey, M. (2005) Joking cultures: Humor themes as social regulation in group life. *Humor*, 18 (1), 1-22.

Flamenbaum, R. (2014) Humor and Social Movements. *Sociology Compass*, 8 (3), 294-304.

Friedman, S. (2011) The cultural currency of a 'good' sense of humour: British comedy and new forms of distinction. *British journal of sociology*, 62 (2), 347-370.

Fry, Jr., William F. (1963) *Sweet Madness: A Study of Humor*. Palo Alto, Pacific Books.

Gaut, B.; Lopes, D. (2000) *The routledge companion to aesthetics*. London, Routledge.

Goodhearth, A. (1994) *Laughter therapy: how to laugh about everything in your life that isn't really funny*. California, Less Stress Press.

Guerra, I. (2006) *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Cascais, Principia.

Hosle, V. (2007) *Woody Allen: An essay on the nature of the comical*. Notre Dame, University of Notre Dame Press.

Huizinha, J. (1980). *Homo Ludens. A Study of the play-element in culture*. Routledge & Kegan Paul. London, Boston and Henley.

Hume, M. (2016) *Direito a ofender*. Lisboa, Tinta-da-China.

Kafka, F. (1991) *A Grande Muralha da China*. Porto, Publicações Europa-América.

Kant, I. (1790) *Critique of Judgment*. Oxford, Clarendon Press.

Klein, A. (1998) *The courage to laugh: humor, hope and healing in the face of death and dying*. New York, TarcherPerigee.

Krefting, R. (2014) *All joking aside. American Humor and its discontents*. Baltimore, Johns Hopkins University Press.

Kuipers, G. (1971) *Good humor, bad taste – a sociology of the joke*. New York, Mouton de Gruyter.

Kuipers, G. (2005) Where was King Kong When we needed him? Public discourse, digital disaster jokes and the functions of laughter after 9/11. *Journal of American Culture*, 28 (1).

- Kuipers, G. (2008) *The Sociology of Humor*. New York, Mouton de Gruyter.
- Kuipers, G. (2013) The divisive power of humor: comedy, taste and symbolic boundaries. *Cultural Sociology*, 7(2), 179–195.
- Lefcourt, H. (2001) *Humor: The Psychology of Living Buoyantly*. Plenum Publishers, New York.
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G; Boutin, G. (2005) *Investigação Qualitativa*. Lisboa, Instituto Piaget.
- Lockyer, S.; Pickerring, M. (2005) *Beyond a Joke – The Limits of Humour*. New York, Palgrave Macmillan.
- Lynch, O. (2002) *Humorous communication: finding a place for humor in communication research*. *Communication Research*, 12 (4), 423-445.
- McGhee E.; Goldstein, J. (1983) *Handbook of Humor Research*. New York, Springer-Verlag New York Inc.
- McLeish, K. (1999) *Poetics of Aristotle*. London, Nick Hern Books Limited.
- Meyer, J. (2000) Humor as a Double-Edged Sword: Four Functions of Humor in Communication. *Communication Theory*, 3, 310-331.
- Mill, S. John (1973) *Ensaio sobre a Liberdade*. Lisboa, Arcadia.
- Mill, S. John (2010) *Da Liberdade do Pensamento e de Expressão*. Lisboa, Leya.
- Minois, G. (2008) *História do Riso e do Escárnio*. Alfragide, Editorial Teorema.
- Monro, D. H. (1988) *Theories of humor*. Illinois, Scott Foresman.
- Morreall, J. (1983) *Taking laughter seriously*. Albany, State University of New York Press.
- Morreall, J. (1987) *The Philosophy of laughter and humor*. Albany, State University of New York.
- Morreall, J. (1999) *Comedy, Tragedy and Religion*. Albany, State University of New York Press.

- Mulkay, M. (1988) *On Humor*. Oxford, Blackwell.
- Nunes, N. (2016) *Com humor não se brinca*. Amadora, Vogais.
- Pereira, R. (2016) *A Doença, o Sofrimento e a Morte Entram num Bar – Uma Espécie de Manual de Escrita Humorística*. Lisboa, Tinta-da-China.
- Possenti, S. (1995). A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. *Revista de estudos da linguagem*, 4(2), 123-140.
- Raymond, Q; Campenhoudt, L. (2003) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gravida.
- Rerger, A. (1976) Laughing Matter - Anatomy of the Joke. *Journal of Communication*, 26 (3), 113-115.
- Shuster, M. (2013) Humor as an Optics: Bergson and the Ethics of Humor. *Hypatia*, 28 (3).
- Silva, N. ; Santos, I. (2008) *Antologia do Humor Português*. Lisboa, Texto Editores.
- Soares, L. (1998). Politicamente correto: o processo civilizador segue seu curso. In P. Pinto, C. Magro, E. Santos & L. Guimarães (Orgs.). *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência* (pp. 217- 238). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Vandaele, J. (2010) Narrative Humor (I): Enter perspective. *Poetics today*, 31 (4)
- Veatch, T. (1998) Theory of Humor. *Humor*, 11 (2), 161-215.
- Watson, C. (2014) A Sociologist Walks into a Bar (and Other Academic Challenges): Towards a Methodology of Humour. *Sociology*, 49 (3), 407-421.
- Weems, S. (2014) *Ha: The science of when we laugh and why*. New York, Basic Books.
- Winston, M. (1972) *Humor noir and black humour*. In: *Veins of humor*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, Harvard English Studies.
- Zijderveld A. (1983) *Sociology of Humor and Laughter*. Madrid, International Sociological Association.

WEBGRAFIA GERAL

Cordes, S. C. (2017) *Facebook*. Consultado em fevereiro de 2017 em: <https://www.facebook.com/ruivsineldecordes/photos/a.799713066712598.1073741828.796219123728659/1647702228580340/>

Duarte, G. (2017) *Com humor não se brinca – podcast*. Consultado em maio de 2017: <https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-02-guilherme-duarte/>

Expresso (2017). *João Quadros: “Prefiro destruir os poderosos do que pôr as pessoas a rirem-se da profunda tragédia dos outros”*. Consultado em janeiro de 2017: <http://expresso.sapo.pt/podcasts/a-beleza-das-pequenas-coisas/2017-06-09-Joao-Quadros-Prefiro-destruir-os-poderosos-do-que-por-as-pessoas-a-rirem-se-da-profunda-tragedia-dos-outros>

Independent (2016) *Ricky Gervais does not get enough credit for being offensive*. Consultado em fevereiro de 2017: <http://www.independent.co.uk/voices/ricky-gervais-does-not-get-enough-credit-for-being-offensive-a6806461.html>

Observador (2017) *A maldição do politicamente correto*. Consultado em maio de 2017: <http://observador.pt/opiniao/a-maldicao-do-politicamente-correto/>

Observador (2017) *Tweet polémico de João Quadros leva Nuno Markl a tirar férias do Facebook*. Consultado em setembro de 2017: <http://observador.pt/2017/08/17/tweet-polemico-de-joao-quadros-leva-nuno-markl-a-tirar-ferias-do-facebook/>

Pereira, A. R. (2017). *Maluco Beleza*. Consultado em julho de 2017: <http://www.malucobeleza.tv/maluco-beleza-ricardo-araujo-pereira/>

Público (2016) *O RAP veio para ficar*. Consultado em janeiro de 2017: <https://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/chorar-a-rir-com-ricardo-araujo-pereira-1737066>

Público Cultura Iplison (2017) *E o humor, discute-se?* Consultado em setembro de 2017: <https://www.publico.pt/2017/01/09/culturaipilon/noticia/e-o-humor-discutese-1757487>

Público Lifestyle (2016) *Leitores ofendidos interrompem apresentação do livro de Diogo Faro*. Consultado em abril de 2017:

http://lifestyle.publico.pt/artigos/362873_leitores-ofendidos-interrompem-apresentacao-do-livro-de-diogo-faro

Shifter (13 de dezembro de 2016). *Ricardo Araújo Pereira: “fazer rir é uma ambição muito mais elevada do que chocar”*. Consultado em fevereiro de 2017: <https://shifter.pt/2016/12/Ricardo-Araujo-Pereira-entrevista>

Tadeu, P. (2017) *O politicamente correto é contra a liberdade?* Diário de Notícias. Consultado em setembro de 2017: <https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/pedro-tadeu/interior/o-politicamente-correto-e-contra-a-liberdade-8733762.html>

The Atlantic (2014) *The Dark Psychology of Being a Good Comedian*. Consultado em dezembro de 2016: <https://www.theatlantic.com/health/archive/2014/02/the-dark-psychology-of-being-a-good-comedian/284104/>

WEBGRAFIA DE MATERIAL EMPIRICO

Cordes, S. R. (2016). *Maluco Beleza*. Consultado em novembro de 2016: <https://www.youtube.com/watch?v=eyBi8BJ0KXA>

Duarte, G. (2016) *Por falar noutra coisa - Indignação do dia nas redes sociais*. Consultado em janeiro de 2017: <http://porfalarnoutracoisa.sapo.pt/2016/12/indignacao-do-dia-nas-redes-sociais.html>

Expresso (2016) *Humor e redes sociais: não se pode brincar com coisas sérias?* Consultado em abril de 2017: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-12-15-Humor-e-redes-sociais-nao-se-pode-brincar-com-coisas-serias>

Faro, D. (2016) *Facebook*. Consultado em fevereiro de 2017: <https://www.facebook.com/sensivelmenteidiota/posts/1049779361744383>

Madeira, T. (2015). *Conversas com Rui Sinel de Cordes*. Consultado em março de 2017: <https://www.youtube.com/watch?v=V5GiNkMR61s>

Markl, N. (2016). *Politicamente incorreto*. Consultado em janeiro de 2017: <https://acavedomarkl.pt/as-coisas-dos-outros/outros-cinema/politicamente-incorreto/>

Markl, N. (2017). Consultado em agosto de 2017: <https://www.facebook.com/havidaemmarkl/posts/10212621938477342>

Marques, J. (2017) *Com humor não se brinca – podcast*. Consultado em setembro de 2017: <https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-07-joana-marques>

Mota, T. P. (2017) *Ask.tm – podcast*. Consultado em setembro de 2017: <https://soundcloud.com/pedro-teixeira-da-mota/asktm-4-iogurtes-roubos-ficar-cego-desaparecimentos-desafios-absurdos>

Pereira, A. R. (2016). *O poder do humor é não ter poder nenhum*. Consultado em janeiro de 2017: <http://visao.sapo.pt/opiniao/ricardo-araujo-pereira/2016-11-24-O-poder-do-humor-e-nao-ter-poder-nenhum>

Pereira, A. R. (2017a) *Com humor não se brinca - podcast*. Consultado em maio de 2017: <https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-01-ricardo-araujo-pereira/>

Pereira, A.R (2017b) *Somos todos idiotas*. Consultado em maio de 2017:
<https://www.youtube.com/watch?v=wPGJ114ej5A/>

Público Lifestyle (2016) *Rui Sinel de Cordes: “Uma piada de um humorista é uma coisa, a sua opinião é outra”* Consultado em junho de 2017:
http://lifestyle.publico.pt/noticias/362210_rui-sinel-de-cordes-uma-piada-de-um-humorista-e-uma-coisa-a-sua-opinio-e-outra

Quadros, J. (2016). *Maluco Beleza*. Consultado em fevereiro de 2017:
<https://www.youtube.com/watch?v=hcJmuGHQq1M>

Quadros, J. (2017) Consultado em agosto de 2017:
<https://twitter.com/omalestafeito/status/897129874544046080>

Sousa, H. (2016). *Maluco Beleza*. Consultado em abril de 2017:
<https://www.youtube.com/watch?v=D6tSo5mMhdA>

ANEXOS

I. Categorização da informação em tabelas

Liberdade de expressão

	Sobre o discurso de limites	Autocensura	Consequências de ultrapassar os limites
Bruno Nogueira			
Diogo Faro			
Guilherme Duarte	“...acho que a liberdade de expressão deve ser total, bem como o direito de alguém recorrer à justiça se achar que está a ser difamado ou ameaçado. A liberdade de expressão e do humor nunca poderão ser limitados pela sensibilidade pessoal de cada um...”	“...tenho a certeza que muitos humoristas se autocensuram com medo de perder público, marcas e trabalho. É um caminho difícil porque por um lado está a liberdade total sem medo de ofender nem pedir desculpas, do outro estão as oportunidades de trabalho e o dinheiro...”	“Fui ameaçado de morte porque fiz piadas com quem gosta de sushi. Por aqui se vê que no dia em que tentarmos limitar o humor com base nos sentimentos e gostos subjetivos das pessoas não nos vai sobrar assunto.”
Herman José		“É pôr a cabeça no cepo em defesa de	“Lembro-me de um co-autor que tive, famoso e

		<p>uma piada. Dar-te-ia uma longa lista de colegas do humor que nunca se atreveriam a dizer piadas sobre as empresas que os patrocinam, e as pessoas não querem perder os seus tachos. Há imensos casos de autocensura deste género que depois passam incólumes no meio dos pingos da chuva”.</p>	<p>cujo nome também não vou dizer, que era o mais atrevido dos escritores de escárnio e maldizer e que deixou de o ser no dia em que alguém lhe enviou um esquema com o trajecto das filhas em direcção à escola (...) mudou de estilo, de alvos, transformou-se noutra pessoa.”</p>
Hugo Sousa		<p>“Confesso que tenho alguma autocensura relativamente a alguns temas simplesmente porque não fazem parte do meu estilo e não estou para me chatear. Principalmente no tema futebol.”</p> <p>“O principal fator [medo de opinar]</p>	<p>“Às vezes o facto de ultrapassares limites até trás alguma notoriedade porque ganhas muitos seguidores (e perdes outros, claro!). Por outro lado, o que pode acontecer é perderes o apoio de marcas ou entidades que não se podem (ou não querem) relacionar com alguns tipos de piadas.”</p>

		diz respeito às ameaças e aos insultos e o estar preparado ou ter paciência para lidar com isso.”	
Joana Marques			
Luis F. Bastos			
Markl			
Paulo Almeida	“A liberdade de expressão é um direito de todos (humoristas ou não) e ninguém tem o direito de a tentar limitar.”	“Não creio que exista mais autocensura. Acho que hoje existe mais pressão por parte do público (e de marcas ou patrocínios em alguns casos) para o humorista só falar de determinados assuntos.”	“A partir do momento que partilho essa piada, seja num palco, seja numa rede social, o que acontece a seguir já está fora da minha esfera de influência.”
Ricardo A.P.	“As pessoas como acham que têm o direito a não serem ofendidas querem mais do que responder a uma ofensa com uma ofensa. Querem responder à ofensa		“...uma vez foi com o Pinto da Costa, outra foi o Zezé Camarinha, este último por causa de uma crónica que fiz (...)

	<p>dizendo: Tira isto. E então escrevem para a plataforma onde ele escreveu aquilo ou tentam, junto dos sítios onde ele trabalha, acabar-lhe com o sustento, acabar com o modo de vida dele (...) Não percebem que só têm o direito de lhes chamar o nome que ele provavelmente merece porque existe liberdade de expressão. Elas não percebem que, estando a tentar calar outra pessoa, estão na prática a tentar calar a si mesmas...”</p> <p>“A liberdade de expressão é o guizo no pescoço do idiota. Tu assim sabes onde é que eles andam.”</p> <p>“Viver em democracia significa que dizer seja o que for não envolve</p>		
--	---	--	--

	<p>coragem (...) uma pessoa pode ter a profissão que eu tenho, não sendo preciso ser um «valentão» (...) essa é a grande vantagem.”</p>		
Ricardo Couto	<p>“Poder dizer é um direito absoluto. O que se deve ou não dizer já se trata de uma questão ética. Qualquer cidadão civilizado sabe que não deve especular, insultar ou denegrir. Caso tais situações se verificarem, cabe, então, à lei agir sobre o locutor. Todo o locutor tem uma responsabilidade sobre o discurso que profere.”</p>	<p>“...a haver autocensura é mais pelo medo da reação que pode causar, mais do que a auto-consciência do ato estético que proferirá.”</p>	<p>“o humorista pode ver fechadas algumas janelas de oportunidade. Um humorista, cuja rotulagem se conota com o ofensivo, pode ser arredado de algumas salas de espetáculo e perder alguns eventuais patrocinadores. No entanto, olhando racionalmente para tais consequências, isso é perfeitamente legítimo. Qualquer instituição é livre de fazer opções editoriais, desde que devidamente sustentadas.”</p>
Rui Cruz	<p>“Os únicos limites que devem existir à liberdade de expressão são os legais, que já estão</p>	<p>“apesar de não existir censura, no mais verdadeiro sentido da palavra, existe uma espécie</p>	<p>“...alguns colegas mais mainstream, digamos assim, têm medo de perder patrocínios, exposição televisiva e não estão</p>

	criados, como a calúnia, por exemplo.”	de purga social a quem não segue os parâmetros destes militares do politicamente correcto, que muito ironicamente são contra o bullying, mas o praticam contra quem não pensa como eles, vetando-lhes trabalho.”	habituaados a terem fãs a criticarem o seu trabalho, pois fazem um humor de massas. Por isso é que ultimamente tens visto tantos humoristas mainstream a fazerem pedidos de desculpa por piadas, o que eu acho absurdo.”
Rui Sinel de Cordes	“Não percebem que a minha liberdade para fazer piadas sobre o cancro é a mesma que a liberdade deles para fazer piadas sobre capas de CD ou o trânsito. E, um dia, há um gajo que se ofende por causa de uma graça relacionada com o trânsito, só porque bateu com o carro, e depois?”	“Dezenas de pessoas enviaram-me mensagens a dizer que estavam a receber ameaças por gostarem [de uma piada no facebook] e foi aí que eu tive de parar tudo [apagar a conta do facebook].” “...tens as pessoas que não acham piada, o que é legítimo, mas depois tens as outras pessoas que têm vergonha de rir ao pé daquelas que	“Já tive ameaças reais, pessoas que sabiam os sítios onde costumo estar ou que sabiam onde eu vivia mas acho que ninguém – artista ou não – pode ser guiado ou levado a mudar as suas ações por causa de ameaças.”

		<p>não estão a achar graça. E isso é um fenómeno que acontece com frequência. Só quem nunca fez humor negro é que não sabe isso.”</p>	
<p>Salvador Martinha</p>			

Humor

	Humor negro	Noção de ofensa	Sobre o discurso de limites
Bruno Nogueira	[o humor] pode “tornar a doença mais pequena, o medo mais pequeno e, no fundo, mais humano.”	“É precisamente por aquela doença ser uma coisa que tu não podes controlar que a única arma que tens para resistir àquela situação trágica é o humor. De outra forma, é insuportável lidar com o que quer que seja. E o humor vai sempre ofender alguém.”	
Diogo Faro		“Hoje em dia, em que as pessoas se ofendem até com alguém que disse 'bom dia' já depois do meio-dia, parece que é cada vez mais complicado fazer humor seja com que assunto for.”	
Guilherme Duarte		“Acho bem que as pessoas processem se acham que foram caluniadas ou	“Os humoristas têm de se borrar para o respeito. Os humoristas têm de ser

		ameaçadas, mas ir para tribunal porque se ficou com os sentimentos feridos é de quem não tem nada que fazer e quer que aquele humorista nunca mais faça piada sobre eles.”	anti poder e anti convenções sociais.”
Herman José			“... se convidar um grupo de comediantes para um espectáculo no Instituto Português de Oncologia, tenho de impôr limites.”
Hugo Sousa		“Dizes uma piada: «o preto» e o alvo nem é «o preto», é outra coisa qualquer mas há pessoal que, só de ver lá a palavra ‘preto’ [reage]: “Estás a dizer preto, estás a ser racista” e isso é que me irrita (...) e às vezes começo a banir pessoal que não percebe as piadas.”	“Não podemos pensar que tem consequências em terceiros. É [a piada] uma questão do estilo do humorista.”
Joana Marques		“Escrevi qualquer coisa sobre o LIDL (...) Houve logo	“Os limites são próprios de cada

		<p>gente a dizer que o LIDL devia processar-me...”</p> <p>“... se a lógica for «não faço nada que ofenda» não podias fazer nada porque há pessoas a ofenderem-se com tudo..”</p>	<p>cabeça, são auto-impostos.”</p>
Luis F. Bastos			
Markl	<p>“A comédia vem de sítios negros, do trauma, quer seja por defesa e pontapé para frente, ou então só por ser inspirador”.</p>		<p>“À partida, o único limite que deve haver é este: isto vai ter graça, interesse ou relevância? Se não tiver, então, provavelmente, nem sequer é bom. E é esse o limite.”</p>
Paulo Almeida		<p>“Sempre que chego aos 5000 amigos no Facebook, fico com uma dúvida moral sobre quem devo apagar para aceitar pedidos de pessoas que realmente conheço ou fazem questão de me seguir. Depois faço um post sobre</p>	<p>“Esta vaga do “politicamente correcto” não está só presente no humor. Um pouco por todo o mundo têm acontecido coisas estapafúrdias como proibir certas palavras consideradas ofensivas por pequenos grupos de pessoas em</p>

		<p>futebol e os gebos que estavam a mais vão embora sem eu ter de fazer absolutamente nada.”</p> <p>“Não podes fazer absolutamente nada sem que alguém se ofenda, há pessoas que vivem para se sentirem ofendidas independentemente da situação. E se tu fores pensar nisso tudo, bloqueias.”</p>	<p>Universidades, proibir livros em bibliotecas...isto é um problema global e está longe de estar cingido apenas ao humor.”</p>
Ricardo A.P.	<p>“A gente não se ri por se sentir superior a ninguém, não há alvo, é apenas um aproveitar da ambiguidade das palavras (...) é uma malandrice linguística.”</p> <p>“É muito fácil chocar, consigo chocar sem pensar nisso. Para fazer rir é preciso pensar, e</p>	<p>“As pessoas imaginam que têm um direito diferente: o direito de serem ofendidas. Acham que o mundo tem de ser para elas um sítio seguro o que significa «nenhuma das minhas opiniões vais ser contestada ou posta em causa». Sendo que basta outra pessoa exprimir uma opinião contrária</p>	<p>“Quem é que decide a partir de que altura é que um discurso é demasiado ofensivo ou demasiado absurdo ou errado? Em quem é que a gente confia para fazer isso?”</p> <p>“Uma piada tem de estar hierarquicamente abaixo de pisar alguém sem querer para eu dizer que nunca peço desculpa (...) Uma piada é uma</p>

	<p>isso dá trabalho. Fazer rir é uma ambição muito mais elevada do que chocar.”</p>	<p>para a pessoa já não se sentir segura.”</p>	<p>coisa importante por isso acho que (...) se o próprio achar que a piada teve um efeito que ele não queria, é legítimo pedir desculpa. Agora, outras pessoas virem pedir desculpa por causa de uma piada é diferente.”</p> <p>“ Se uma ideia não admite ser contestada é muito fácil que essa ideia se transforme rapidamente de uma convicção para um dogma. Tu deixas de saber justificar essa posição.”</p>
<p>Ricardo Couto</p>			<p>“Por um lado, deve proteger-se o direito a criar e, por outro, salvaguardar o direito à resposta. Ou seja, em caso de ofensa, o ofendido deve ter liberdade de poder</p>

			<p>expressar a sua indignação, não sendo isso desculpa para a hostilização de qualquer ato criador. O criador deve criar livremente. O outro é livre de não gostar e até de protestar.</p> <p>Não se deve nunca deixar tais posições obstruir-se e impedir ora a criação ora a resposta livre individual.”</p>
Rui Cruz			<p>“Quando tens humoristas (...) a recusar actuar em faculdades por causa do pessoal do politicamente correcto, está aqui a prova de que tem resultado. Mas depois também há quem se recuse a deixar que isso o afecte e afecte o seu material. E aqui é que está a força da contra-cultura.”</p>
Rui Sinel de Cordes	“Podes não apreciar o estilo [humor		“Nem todos os escritores escrevem

	<p>negro] mas pessoas que não querem que exista são pessoas que têm alguma insegurança, são pessoas que dizem «não se ri porque é errado».</p> <p>“Uma desgraça é quando uma piada é má, se uma má piada for feita sobre uma tragédia é péssimo, mais vale estar calado.”</p>		<p>sobre a eutanásia, mas imagina que há um que quer lançar um livro sobre esse tema. Também pode magoar quem o ler. E deixa de poder escrevê-lo porque pode ferir suscetibilidades?”</p>
<p>Salvador Martinha</p>		<p>“Olha, Salvador, ligou aqui para a rádio uma senhora das Finanças, porque as pessoas das Finanças são agredidas verbalmente e tu incentivaste isso (...) fui a uma terrinha perto da Guarda e fiz um raciocínio com a falta de caixas de multibanco (...) caiu-me a aldeia em</p>	<p>“O jogo é só este: tem piada ou não tem piada? E é isso que eu defendo.”</p>

		cima a dizer que Meda tinha três multibancos.”	
--	--	--	--

Humor nacional

	Exemplos de falta de liberdade	Assuntos que causam intolerância
Bruno Nogueira		
Diogo Faro		
Guilherme Duarte		“Futebol, doenças e touradas.”
Herman José		
Hugo Sousa	Não vivenciou	“futebol”
Joana Marques		
Luis F. Bastos		
Markl		
Paulo Almeida	“A minha página oficial de Facebook já esteve bloqueada inúmeras vezes. Para dar uma ideia de quantas, em 2016, no total esteve 4 meses bloqueada(...) As páginas são bloqueadas por diversos motivos, sendo os principais publicarmos conteúdos ofensivos ou se um grupo de pessoas se juntar para o fazerem independentemente do conteúdo.	“O tema onde há mais intolerância ao humor é o futebol. É incrível. Eu posso fazer 50 piadas sobre doenças, mortes, tragédias...sem qualquer problema, mas se faço uma piada sobre o Sporting, o Porto ou o Benfica, começam imediatamente a chover ameaças de morte.”

	E no meu caso, tem sido sempre a segunda hipótese.”	
Ricardo A.P.		
Ricardo Couto	“...verifico, no meio do humor, um aproveitamento da questão premente do policiamento do discurso para colocar o texto cómico num patamar de intangibilidade crítica.”	“no poder e no futebol”
Rui Cruz	“Os humoristas nacionais usam muitas vezes as redes sociais para se manterem activos e até para testar material que deveria, noutra contexto, ser testado em palco. O que acontece é que existem grupos de pessoas, os social justice warriors, que se juntam em grupos secretos para combinar ataques organizados a páginas de humoristas que eles consideram ofensivos, bloqueando-lhes as páginas. Ora, sem elas, estes comediantes não só perdem o seu maior meio de divulgação, como também uma ferramenta de trabalho.”	“Já vi a mesma pessoa a chorar a rir com um set sobre violações e ficar ofendida com um set sobre gatos. Porquê? Porque não conhecia ninguém que tivesse sido violado, mas tinha gatos. As pessoas ofendem-se com aquilo que lhes toca.”
Rui Sinel de Cordes	“O espetáculo em Santiago do Cacém (...) foi vetado e cancelado pelo presidente (...) depois de um atrasado mental do Bloco de Esquerda dizer que eu defendia a violação de mulheres por fazer piadas sobre violações,	

	agora um autarca do PCP cancela espetáculos já marcados.”	
Salvador Martinha		

Especificidades do humor

	Distanciamento temporal e espacial	Liberdade artística
Bruno Nogueira		“Quando falas mal de alguém e as pessoas se riem, não significa que elas partilhem da tua opinião. Mais: não quer necessariamente dizer que tu partilhas daquela opinião, porque tu estás a fazer humor”.
Diogo Faro		
Guilherme Duarte	“O humorista, se quer fazer uma piada com a tragédia, tem de ser o mais cedo possível. A piada parte sempre de uma premissa que tem de ter uma carga, seja positiva ou negativa, mas nunca pode ser neutra. As piadas com o 11 de Setembro tinham muito mais graça nas semanas a seguir do que agora passados anos. A premissa já não tem a mesma energia. Quem diz “demasiado cedo” quando alguém faz uma	“No meio das piadas podem dar as suas opiniões como podem dizer coisas que são totalmente contrárias ao que eles pensam, mas que acreditam ter piada. A maioria do público não percebe isso e pensa que uma piada tem sempre a opinião do humorista...”

	piada com uma tragédia está a ser hipócrita.”	
Guilherme Fonseca	“O maneta ri-se sempre mais de piadas sobre pernetas.”	
Herman José		
Hugo Sousa	“e quem é a pessoa que regula isso e diz: "agora já se pode?”	“O incitamento à violência, o racismo e outras coisas do género não podem ser permitidos mas no humor é diferente porque o intuito é fazer rir e quem ouve uma piada não pode levá-la no sentido literal.”
Joana Marques		
Luís F. Bastos	“Para teres um olhar cómico do mundo, é como se nunca te envolveses realmente e como se fosses sempre um espectador. Ou seja, numa situação pela qual passas – uma perda ou uma tragédia – há sempre uma parte de ti que está a assistir de fora e que está a gozar com isso.”	“Na prática, uma boa piada está acima de qualquer moral”.
Markl		
Paulo Almeida	“A expressão “too soon” apareceu precisamente para categorizar algumas piadas negras. Para mim, algumas das melhores piadas de humor negro aconteceram precisamente nos dias das maiores tragédias recentes da Humanidade: 11 de Setembro, Tsunami, ataques terroristas.”	“As redes sociais são o principal factor para isto estar a acontecer, já que vieram trazer um poder “virtual” a quem está atrás de um computador. Basta juntar umas dezenas de pessoas numa página “anti” qualquer coisa, essa página começa a ser partilhada, torna-se viral e já está. De repente a opinião de um

		ser solitário que não tem nada para fazer torna-se uma voz de pressão para um humorista se retractar ou apagar o que escreveu.”
Ricardo A.P.		<p>“As vezes é muito fácil (...) as pessoas não perceberem a ironia quando é dita, quanto mais quando é escrita (...) na escrita é preciso ter outro tipo de sensibilidade”</p> <p>“...hoje há uma inclinação para a literalidade que tem tendência para tornar toda a comunicação praticamente impossível.”</p>
Ricardo Couto	<p>“...acho que a aceitação do humor negro não passa pelo respeito temporal. Considero que depende, sim, de uma desvalorização do mundo. Saber que uma piada não fere a natureza dura de um acontecimento. Não é uma piada sobre o 11 de setembro que coloca em causa a dor do mesmo.”</p>	<p>“Considero que vivemos na época em que as pessoas hipervalorizam o discurso. Há demasiada sensibilidade literal para aquilo que é dito.”</p> <p>“O problema cifra-se na amplificação da opinião. As redes sociais são um megafone à distância de qualquer um. E perante a impunidade, da lei e da própria ética pessoal e social, vence a lei da selva.”</p>
Rui Cruz	<p>“O que nos ofende é o que nos está próximo.”</p>	<p>“Apesar de existirem mais veículos e meios para difundir um trabalho e até para trabalhar,</p>

	“O tempo não muda nada. Ainda há pessoal que se ofende com piadas com a morte de Cristo.”	existe também uma espécie de policiamento moral e social que não existia há 10 anos em nome de uma aparente defesa da igualdade e liberdade, acaba por ser extremamente castrador e castigador da diferença.”
Rui Sinel de Cordes		“Quando alguém acredita que eu defendo a violação de mulheres por causa de uma piada essa pessoa é que é desequilibrada, essa pessoa é que não consegue controlar as suas emoções.”
Salvador Martinha		

Atentado Charlie Hebdo

	Opiniões sobre o acontecimento	Efeitos no universo humorístico
Bruno Nogueira		
Diogo Faro		
Guilherme Duarte	“Quase ninguém percebeu que ser Charlie não era gostar-se das caricaturas, mas sim reconhecer-lhes toda a liberdade de desenharem o que quisessem. Podia ter sido importante para a liberdade de expressão, mas não	Não teve

	foi. Está tudo na mesma ou pior...	
Herman José		
Hugo Sousa	“Há ofendidinhos que depois do atentado apareceram a defender a liberdade de expressão quando, muitas vezes, foram os primeiros a criticar piadas que eram apenas piadas.”	
Joana Marques		
Luis F. Bastos		
Markl		
Paulo Almeida	“...foi feito num contexto de disseminação de medo e de tentativa de opressão em relação a um tema religioso. Sim, obviamente que também foi um ataque à liberdade de expressão e na altura quase 100% das pessoas que falaram publicamente nisso, colocaram fotos de perfil nas suas redes sociais com a expressão “Je Suis Charlie”, e disseram coisas como “os humoristas devem poder dizer seja o que for sem medo de represálias”, mas essas mesmas pessoas foram as mesmas que meses mais tarde, quando a maré da opinião pública virou e começou a batalha a favor do politicamente correcto, também foram as	“Houve mais barulho que acções propriamente ditas.”

	primeiras a defender que o humor tem limites”.	
Ricardo A.P.	<p>“Uma semana depois dos cartoonistas do Charlie Hebdo terem sido abatidos a tiro, o Papa fez umas declarações dizendo: “Epá isto não, não...mas...”</p> <p>A pessoas como eu que acham que é impensável responder a um desenho com um tiro na nuca... isto causa alguma perplexidade (...)</p>	
Ricardo Couto	<p>“Vi, com muito espanto, por exemplo, as declarações do Papa que disse qualquer coisa como “Se insultarem a tua mãe, naturalmente lhe dás um murro”.</p>	<p>“Sublinhou-se a importância da liberdade de expressão para o trabalho artístico. De certo modo, enfrentou-se o ataque ao nosso modo de ser</p> <p>Talvez para nós portugueses, a quem isto não bateu à porta, não consigamos perceber a verdadeira dimensão do medo.”</p>
Rui Cruz	<p>“Vi acima de tudo muita hipocrisia. A maioria das pessoas que andou a meter #jesuischarlie em tudo são as mesmas que dizem que com coisas sérias não se brinca (...)</p> <p>E atenção, muitos dos opinion makers e comediantes da hashtag são exactamente as mesmas pessoas que dizem</p>	

	coisas como “meteram-se a jeito”, mas na altura parecia mal.”	
Rui Sinel de Cordes	“A maior parte das pessoas não percebe o conceito de liberdade de expressão, até hoje não percebem o que é ser Charlie (...) é única e exclusivamente defenderes a tua liberdade de expressão (...) não é concordar com um determinado tipo de humor, não é ter sentido de humor (...) mas é defender a todo o custo que eles tenham a liberdade de os publicar.”	
Salvador Martinha		

Estatuto do humor

	Regulação do humor	Poder do humor	Ação dos tribunais em relação à liberdade de expressão no humor
Bruno Nogueira			
Diogo Faro			
Guilherme Duarte	<p>“Os únicos sítios onde a comédia é regulada são os países onde a liberdade de expressão é limitada</p> <p>Por cá, tem de se poder dizer tudo e se alguém ficar muito ofendido que recorra aos tribunais.”</p>		<p>“Em Portugal já se levaram casos ao Tribunal Europeu dos Direitos do Homem por uma piada que caiu mal a alguém. Não deu em nada porque os juízes disseram que a liberdade de expressão era sagrada.”</p>
Herman José		<p>“...o humor também pode ser uma forma de poder. Mas é o poder do bobo da corte, ou seja, pode ser um poder muito forte até ao dia em que o rei ordena lhe cortem a cabeça.”</p>	

Hugo Sousa	“Quanto mais se tenta controlar, pior é. Tem o efeito contrário.”		“Não estou por dentro”
Joana Marques			
Luis F. Bastos			
Markl			
Paulo Almeida	“Não”		“Cabe aos tribunais decidirem se alguma infracção foi ou não cometida embora felizmente exista um histórico de muito poucas (para não dizer quase nenhuma) condenações relacionadas com “abuso” de liberdade de expressão.”
Ricardo A.P.	“A expressão ‘politicamente correto’ é uma estratégia de controlo da linguagem (...) para controlar o pensamento (...) a ideia de que certas pessoas precisam de ser protegidas de certas palavras eu	“...o humor não serve para nada? Sim. É isso mesmo que quero dizer. Uma vassoura, um automóvel, um partido político, têm serventia. O humor faz parte daquele grupo de coisas muito importantes	

	<p>acho abominável porque é incapacitante para as pessoas a quem se dirige. O politicamente correto parece reivindicar uma espécie de intervenção que faz com que haja uma evolução moral nas pessoas.”</p>	<p>que não servem para nada...”</p>	
<p>Ricardo Couto</p>	<p>“Não faz qualquer tipo de sentido regular a comédia, assim como não faz sentido regular o teatro ou o cinema.”</p>		<p>“...temos assistido a algumas decisões estranhas sobre a possibilidade de expressão. Portugal foi corrigido por instâncias judiciais europeias em matéria de liberdade de expressão várias vezes. Há uma cultura conservadora no espaço mediático que tem, ainda, de ser ultrapassado.”</p>

<p>Rui Cruz</p>	<p>“Para regularem a comédia teriam de regular toda a arte.”</p>		<p>“Concordo que haja um mecanismo legal que permita às pessoas se defenderem caso se sintam atacadas injustamente, desde que funcione com justiça. Nesse aspecto, por cá, até acho que tem funcionado.”</p>
<p>Rui Sinel de Cordes</p>			
<p>Salvador Martinha</p>			

Humor em termos legais

	Charlie Hebdo	Consequências no universo humorístico	Regulação da comédia	Ação dos tribunais	Sobre o discurso de limites
Francisco Teixeira da Mota	“Um momento sinistro e de fanatismo mas que também originou uma reafirmação mundial da liberdade de expressão.”	“Não é possível saber se teve efeitos intimidatórios.”	“A liberdade de expressão como direito que é tem de conviver com outros direitos pelo que já está regulado não necessitando a comédia, como manifestação dessa mesma liberdade e, ainda, da liberdade de criação artística, de regulação especial.”	“Nos nossos tribunais há duas escolas de pensamento e de decisões: uma, tradicionalista e conservadora, desconfiada em relação à imprensa e à liberdade em geral e que privilegia a defesa da honra e bom nome, e outra mais moderna que acredita na importância estrutural e estruturante da liberdade de expressão...”	“...visa, geralmente, diminuir o espaço da liberdade de expressão em geral e dos humoristas em particular mas não creio que tal discurso tenha inibido muita gente.”

II. Recolha de material empírico online

Artigo Expresso

<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-12-15-Humor-e-redes-sociais-nao-se-pode-brincar-com-coisas-serias->

“O problema, defende o humorista, poderá estar na interpretação que as pessoas fazem das piadas que ouvem: “Infelizmente, hoje há uma inclinação para a literalidade que tem tendência para tornar toda a comunicação praticamente impossível.”

Artigo Lifestyle Público

Rui Sinel de Cordes: “Uma piada de um humorista é uma coisa, a sua opinião é outra”

http://lifestyle.publico.pt/noticias/362210_rui-sinel-de-cordes-uma-piada-de-um-humorista-e-uma-coisa-a-sua-opiniao-e-outra

“Neste lodo eu não vou brincar mais. Eu saí do manicómio. Mas vocês, fiquem. Fiquem com os humoristas *on-demand*. Fiquem com os plagiadores, com a baunilha. Fiquem com as músicas estéreis, fiquem com as piadas respeitosas. Fiquem com o *standard*, com o banal, com o igual. Fiquem com os humoristas moralistas.”

Blogue “Por Falar Noutra Coisa”

<http://porfalarnoutracoisa.sapo.pt/2016/12/indignacao-do-dia-nas-redes-sociais.html>

“Estou um bocado farto de falar do politicamente correcto e de virgens ofendidas 2.0. É um assunto do qual nem se devia falar, porque os bastiões da moral e dos bons costumes das redes sociais são como os trolls e alimentam-se da importância que se lhes dá. Acho bem que estas pessoas estejam motivadas a acabar com as desigualdades e com o preconceito. A sério que sim. Acho que fazem falta, mas o problema é que têm a mira desalinhada.”

Conversas com vida com Rui Sinel de Cordes

<https://www.youtube.com/watch?v=V5GiNkMR61s>

36'42'': "Quando uma má piada é feita sobre uma desgraça, é péssimo. Mais vale estar calado."

40'32'': "Já tive ameaças reais, pessoas que sabiam os sítios onde costumo estar ou que sabiam onde eu vivia mas acho que ninguém – artista ou não – pode ser guiado ou levado a mudar as suas ações por causa de ameaças."

Com humor não se brinca – Bruno Nogueira

<https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-19-bruno-nogueira/>

20'35'': "Tudo é deturpado e já nada tem peso (...) não é por dizeres «mariquinhas» a uma pessoa que és homofóbico (...) todo este tipo de ruído afasta-te do que realmente importa que é falar de coisas que são potencialmente ofensivas..."

Com humor não se brinca – Diogo Batáguas

<https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-18-diogo-bataguas/>

18'08'': "Não faço muitas piadas one liners negras no Facebook porque não tenho pachorra, vão-me logo bloquear a página. Mas se for stand up, faço imenso (...) é cada vez mais um porto de abrigo onde podes estar à vontade."

Com humor não se brinca - Joana Marques

<https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-07-joana-marques/>

27'53'': "É ridícula a ideia de pensar que poderia haver um limite imposto por uma entidade que definia [o limite]. Eu tenho o meu, cada um teu o seu (...) não são regras escritas (...) depende do ângulo (...) se a lógica for «não faço nada que ofenda» não podias fazer nada porque há pessoas a ofenderem-se com tudo (...) não são só aqueles temas que à partida vês como ofensivos (...) qualquer coisa pode ofender..."

Com humor não se brinca – Ricardo Araújo Pereira

<https://www.mixcloud.com/CHNSB/ep-01-ricardo-ara%C3%BAjo-pereira/>

9’56’’: “Viver em democracia significa que dizer seja o que for não envolve coragem (...) uma pessoa pode ter a profissão que eu tenho, não sendo preciso ser um «valentaço» (...) essa é a grande vantagem.”

Maluco Beleza – Hugo Sousa

<https://www.youtube.com/watch?v=D6tSo5mMhdA>

38’26’’: “Dizes uma piada (...) o preto’ e o alvo nem é «o preto», é outra coisa qualquer mas há pessoal que, só de ver lá a palavra ‘preto’ [reage]: “Estás a dizer preto, estás a ser racista” e isso é que me irrita (...) e às vezes começo a banir pessoal que não percebe as piadas.”

Maluco Beleza – João Quadros

<https://www.youtube.com/watch?v=hcJmuGHQq1M>

1h’min50’’: “Eu faço humor para fazer rir quem não gosta da outra pessoa e, acima de tudo, para aquela pessoa que estou a fazer se deitar à noite e pensar: Foda-se (...) Um insulto tu esqueces num ano; uma boa piada é para a vida toda.”

Maluco Beleza LiveShow – Rui Sinel de Cordes

<https://www.youtube.com/watch?v=eyBi8BJ0KXA>

18’07’’: “Não sei se há humor inteligente ou não mas há públicos inteligentes e públicos burros (...) é evidente que eu tenho um público específico e é diferente dos outros humoristas (...) as pessoas que se riem do humor negro são as pessoas que mais têm consciência do que é certo e do que é errado.”

19’30’’: “Podes não apreciar o estilo [humor negro] mas pessoas que não querem que exista são pessoas que têm alguma insegurança, são pessoas que dizem «não se ri porque é errado».

36'23'':“Dezenas de pessoas enviaram-me mensagens a dizer que estavam a receber ameaças por gostarem [de uma piada no facebook] e foi ai que eu tive de parar tudo [apagar a conta do facebook].”

Pedro Teixeira da Mota –Ask.Tm

<https://soundcloud.com/pedro-teixeira-da-mota/asktm-4-iogurtes-roubos-ficar-cego-desaparecimentos-desafios-absurdos>

11'48'':”... Portugal estava a ganhar 2-1 e aos noventa minutos o México empata. Isto no futebol é conhecido como um «balde de água fria» (...) E eu disse: Pá, este balde de água fria convinha mais em Pedrogão (...) Isto no fundo é verdade! Convinha mesmo que caísse um balde gigante de água no meio de Pedrogão porque apagava o fogo (...) recebi ameaças de morte (...) o que me lixa é que passado dois dias Portugal estava a jogar na Rússia (...) estava a chover lá e a jornalista disse: “este tempo, esta chuva... convinha mais era na área de Pedrogão onde temos visto vários incêndios...” Ela disse a mesma merda! (...) Porque de facto só liguei dois acontecimentos, como ela fez (...) Ameaçem-na de morte também.”

Post no Facebook de Diogo Faro (30/06/2016)

<https://www.facebook.com/sensivelmenteidiota/posts/1049779361744383>

“Muitas pessoas fizeram questão de interpretar isto como uma ofensa gratuita às pessoas com trissomia 21. É relativamente fácil (provavelmente, não o suficiente) perceber qual é o foco daquele parágrafo...”

Post no Facebook de Nuno Markl (17/08/2017)

<https://www.facebook.com/havidaemmarkl/posts/10212621938477342>

“Para um tipo ser linchado nas redes já nem precisa de estar envolvido em nada, basta só existir. Isto cansa um bocado (...) Sei que há demasiado ódio, ira e embirração nesta rede, ou porque um gajo fez, ou porque não fez, ou só porque sim, e que a minha disponibilidade mental para isso tende a diminuir quando a idade aumenta. Sinto que isto não faz bem nenhum à saúde.”

Post no Facebook de Paulo Almeida (14/06/2017) (entretanto apagado)

“Sempre que chego aos 5000 amigos no *Facebook*, fico com uma dúvida moral sobre quem devo apagar para aceitar pedidos de pessoas que realmente conheço ou fazem questão de me seguir. Depois faço um *post* sobre futebol e os gebos que estavam a mais vão embora sem eu ter de fazer absolutamente nada. Seleção natural.”

Ricardo Araújo Pereira e Diogo Faro - Somos Todos Idiotas Talkshow

<https://www.youtube.com/watch?v=wPGJl14ej5A>

11’50’’: “Às vezes é muito fácil (...) as pessoas não perceberem a ironia quando é dita, quanto mais quando é escrita (...) na escrita é preciso ter outro tipo de sensibilidade e na minha experiência os neardentais que frequentam as redes sociais não têm. Uma vez que não se compreende a ironia (e outras figuras de estilo) a comunicação fica muito inviabilizada nesse tipo de plataforma.”

13’32’’: “Eu acho que as pessoas têm o direito de se sentir ofendidas. Fico surpreendido com a quantidade de coisas que neste momento ofendem as pessoas porque eu lembro-me de haver dois ou três temas que já sabíamos: religião, claro. Se é o clube de futebol, talvez. Hoje é possível tu ofenderes gente indignada porque tu dizes que não gostas de tourada, fazer uma piada sobre andebol (...) qualquer coisa, eu já recebi cartas sobre todos estes temas (...) As pessoas imaginam que têm um direito diferente: o direito de serem ofendidas. Acham que o mundo tem de ser para elas um sitio seguro o que significa «nenhuma das minhas opiniões vais ser contestada ou posta em causa». Sendo que basta outra pessoa exprimir uma opinião contrária para a pessoa já não se sentir segura.”

15’29’’: “As pessoas como acham que têm o direito a não serem ofendidas querem mais do que responder a uma ofensa com uma ofensa. Querem responder à ofensa dizendo: Tira isto. E então escrevem para a plataforma onde ele escreveu aquilo ou tentam, junto dos sítios onde ele trabalha, acabar-lhe com o sustento, acabar com o modo de vida dele (...) Não percebem que só têm o direito de lhes chamar o nome que ele provavelmente merece porque existe liberdade de expressão. Elas não percebem que, estando a tentar calar outra pessoa, estão na prática a tentar calar a si mesmas porque há de voltar-se contra elas.”

19'34": "A expressão 'politicamente correto' é uma estratégia de controlo da linguagem (...) para controlar o pensamento (...) a ideia de que certas pessoas precisam de ser protegidas de certas palavras eu acho abominável porque é incapacitante para as pessoas a quem se dirige. O politicamente correto parece reivindicar uma espécie de intervenção que faz com que haja uma evolução moral nas pessoas."

25'38": "Uma semana depois dos cartoonistas do Charlie Hebdo terem sido abatidos a tiro, o Papa fez umas declarações dizendo: "Epá isto não, não...mas..." (...) e essa é a parte preocupante uma vez que se trata do líder espiritual de ¼ da humanidade (...) É o próprio Papa a dizer que é legítimo responder a palavras com agressões físicas (...) A pessoas como eu que acham que é impensável responder a um desenho com um tiro na nuca... isto causa alguma perplexidade (...) é exatamente o mesmo raciocínio de 'foi violada, estava de saia'".

III. Guião de entrevista realizada a comediantes

Enquanto humorista – e partindo do princípio que não vê limites no humor - considera que poderão existir, sim, limites para a liberdade de expressão?

Se por um lado parece existir mais liberdade e espaço para os humoristas do que haveria há uns anos, considera que agora também existe mais autocensura a nível da liberdade de expressão?

Que fatores é que podem ter contribuído para a disseminação do medo de opinar? Que tipo de consequências é que um humorista receia quando o seu trabalho “ultrapassa os limites” ou é visto como ofensivo?

Como vê o momento do atentado ao Charlie Hebdo, nomeadamente as reações que desencadeou na opinião pública?

E no mundo do humor, que efeitos acha que teve?

Baseando-se a comédia na liberdade, parece-lhe possível e desejável que seja regulada?

Como vê os limites jurídicos colocados à liberdade de expressão no nosso país e acção dos tribunais a esse respeito?

Muitos humoristas defendem que é necessário medir as possíveis consequências de uma piada para perceber se vale a pena proferi-la. Considera que isto é censura ou respeito?

Poderá ser a fórmula “tragédia + tempo=humor” que facilitará a aceitação do humor negro? Ou seja, será imperativo criar um distanciamento temporal entre a situação trágica e a piada de forma a esta ser aceite?

Em que aspetos sente que há mais intolerância ao humor? Por exemplo: no poder, religião, doenças, morte...

Considera que a defesa dos limites e do respeito são uma forma de controlar o humor e os humoristas? Se sim, parece que isso tem resultado?

Na sua experiência pessoal, há alguma situação(ões) relativa à limitação da liberdade do humor que lhe parece importante relatar?

IV. Guião de entrevista realizada ao advogado Francisco Teixeira da Mota

Como vê o momento do atentado ao Charlie Hebdo, nomeadamente as reações que desencadeou na opinião pública?

E no mundo do humor, que efeitos acha que teve?

Baseando-se a comédia na liberdade, parece-lhe possível e desejável que seja regulada?

Como vê os limites jurídicos colocados à liberdade de expressão no nosso país e ação dos tribunais a esse respeito?

Considera que a defesa dos limites e do respeito são uma forma de controlar o humor e os humoristas? Se sim, parece que isso tem resultado?